

VOL. VII

OUT. E NOV. DE 1902

N.º 10 E 11

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PREHISTORIA — EPIGRAPHia



NUMISMATICA — ARTE ANTICA

Veterum solvunt monumenta virorum

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1902

SUMMARIO

- ARCHEOLOGIA LUSITANO-ROMANA: 241.
MOEDAS PORTUGUEZAS DE OURO CARIMBADAS OU CRAVEJADAS NAS IN-
DIAS OCCIDENTAES E NO CONTINENTE AMERICANO: 248.
UM INVENTARIO DO SEculo XIV: 259.
VASILHA ANTIGA: 263.
EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMORIAS PAROCHIAES»: 267.
MACHADOS DE PEDRA: 273.
ESTAÇÕES PREHISTORICAS DOS ARREDORES DE SETUBAL: 275.
NOTICIAS VÁRIAS: 283.
BIBLIOGRAPHIA: 288.

Este fascículo vae illustrado com 11 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1902 N.º 10 E 11

Archeologia lusitanô-romana

1. Inscrição de Alfazelrão

De um decalque que o Sr. Vieira Natividade me enviou, vejo que a inscrição funeraria publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 360, deve ser assim:

TERENTIAE < Q
F < CAMIRAE
TERENTIA < D Q
F < MAXVMA
MATER

As divergencias entre o meu texto e o do *Corpus* são pequenas.

Na linha 3 o *Corpus* tem DOC com um o pequeno incluso no O, ao passo que a lapide só apresenta DQ com um o pequeno incluso no D; nesta abreviatura contém-se a palavra *Doquiri*, ou um derivado d'ella, i. é, *Doquiricus* (= *Docquiricus*); cfr. no *C. I. L.*, II, 624 e 551 respectivamente ATIA DOQVIRI F - SEVERA e DOCQVIRICVS VITALIO.

As palavras no meio das linhas estão separadas não por pontos, como no *Corpus*, mas por pequenos angulos.

O sentido da inscrição é: «A Terencia Camira, filha de Quinto, sua mãe Terencia Maxima, filha de Doquiro (ou Doquirico), consagrou este monumento».

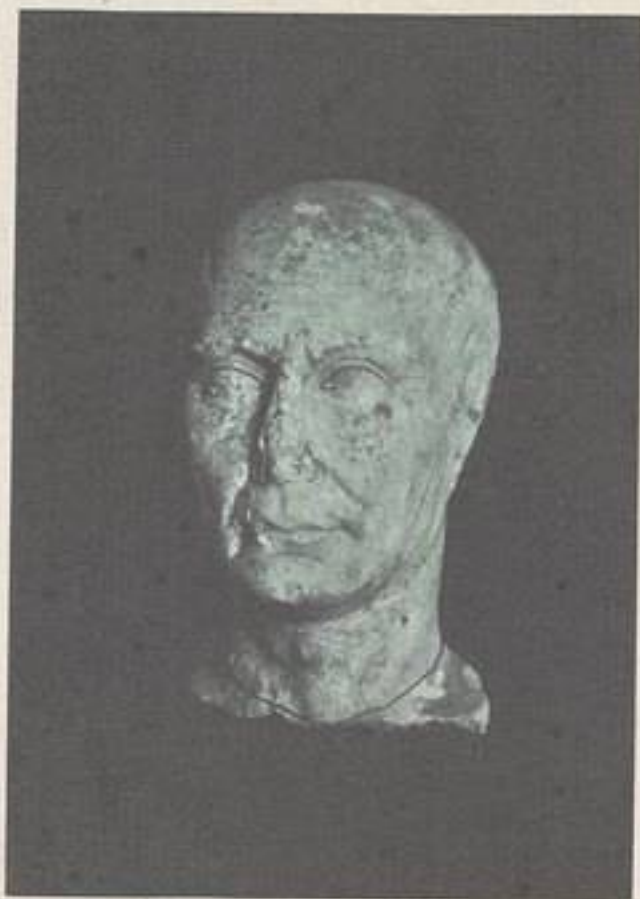
Tanto *Camira*, como o vocabulo abreviado em *Dog.*, são frequentes no onomastico peninsular.

2. Inscrição achada em Lisboa

No jardim do palacio do Sr. Duque de Palmella, na Rua da Escola Polytechnica, em Lisboa, appareceu em Maio de 1902, num cunho,







CABEÇA DE MARMORE ROMANA ACHADA EM BEJA

Este monumento não estava certamente no seu logar primitivo, pois ao pé, no mesmo entulho, appareceu uma escultura portugueza, de pedra. Sou levado a crer que elle veio do Alentejo, já porque alli se encontram com frequencia lapides sepulcraes em fórma de pipa (chamados *cupiformes*, pois «pipa» é *cupa* em latim), já porque numa inscripção de Myrtilis, publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 17, figura um individuo chamado *L. Firmidius Peregrinus*, que pôde ser o mesmo de que se aqui trata, ou parente; e mais provavel é que a pedra a mandassem da provincia para a capital, do que de Lisboa para uma terra provinciana.

3. Antiguidades de Pax Iulia (Beja)

Em 15 de Dezembro de 1900 escreven-me uma carta o Sr. Joaquim de Vargas, conservador do Museu Municipal de Beja, communicando-me que, meses antes, demolindo-se parte da muralha de Beja para edificação do palacio das repartições publicas, se encontraram várias antiguidades romanas, como fragmentos de capiteis, de frisos e de fustes de columnas, uma cabeça de estatua de marmore, restos de pedras tumulares e outras. Todos estes monumentos deram entrada naquella museu.

O Sr. Joaquim de Vargas levou a sua bondade a enviar-me copias e desenhos das inscripções. Adeante as vou publicar.

Tendo eu estado em Beja, em Outubro de 1901, tive occasião de ver todos esses monumentos archeologicos, e de obter (por intermedio do Sr. Manoel Joaquim Duro) uma photographia da cabeça de marmore.

*

Na pagina junta figura-se uma photo-gravura d'esta ultima. Está reduzida a $\frac{1}{3}$ da grandeza natural.

Este pequeno monumento appareceu propriamente no 2.º baluarte da 2.ª ordem de muralhas da cidade, mettido na vedação do convento da Esperança. Foi encontrado por um trabalhador, e offerecido ao Museu de Beja pelo Sr. Francisco Antonio Vital, apontador de obras publicas; entrou no Museu em Fevereiro de 1900.

A respeito d'elle, diz-me o Sr. Salomon Reinsch em carta: «Le marbre dont vous m'envoyez la photographie me paraît appartenir à la fin du I^{er} siècle après J. C. Par le procédé du travail, il rappelle naturellement les bustes de Corbulon qui sont au Louvre. Mais il ne représente ni Corbulon, ni aucun autre personnage connu. De pareils portraits sont toujours bons à publier, car ce sont d'excellents exemples de la sculpture impériale».

Passarei agora a occupar-me das inscripções.

a) Num marmore:



L. 2. O primeiro T não está bem nitido na sua haste horizontal, nem o segundo V; mas não ha duvida que a palavra a que essas letras pertencem é *Vettonianus*.

L. 3. A letra P não está muito clara.

O sentido da inscripção é: «Dom ao deus Manes. Quinto Cassio Vettoniano, de Pax Iulia, de 26 annos de idade, está aqui sepultado. A terra te seja leve».

Altura da pedra 0^m,85; largura 0^m,47; espessura 0^m,27. Campo da inscripção: 0^m,36 × 0^m,42. Altura das letras 0^m,05.

O cognome *Vettonianus* é a primeira vez que apparece numa inscripção da Iberia, — pelo menos não o vejo citado no vol. II do *Corpus*; mas encontra-se muito espalhado fóra da Península¹. A inscripção de

¹ Vid. *Prosopographia Imperii Romani*, parte III, Berlim 1898, p. 415; e *Corp. Inscr. Lat.*, III, 5663; VII, 164; VIII, 4623. Limite-me a esses exemplos (ha mais).

Beja tem por isso certa importância. Este cognome deriva de Vetto, directa ou indirectamente: quanto ao modo da formação directa, cfr. *Varronianus*¹, de Varro; para a formação indirecta, teria de se admitir *Vettonius, como nome intermedio, estando para elle *Vettonianus*, na mesma relação em que, por ex., *Scribonianus* está para *Scribonius*. O nome *Vettonius nunca o encontrei; todavia podia existir, do mesmo modo que existe *Vasconius*², derivado de Vasco (no plural *Vascones*, povo ibérico). Vetto (no plural *Véttones*, nome de outro povo ibérico) apparece com frequência nas inscripções da Península, tanto em Portugal, como na Hespanha³.

b) Num fragmento de lapide cupiforme, de marmore:



O sentido é: «Dom aos deuses Manes. Julia Cleopatra, de 33 annos de idade, está aqui sepultada. Herennio Prisco levanta este monumento funebre a sua dedicadissima esposa. Seja-te leve a terra».

O campo da inscripção tem esta área: 0^m,20 × 0^m,21. Altura das letras: 0^m,025.

¹ No *Corp. Inscr. Lat.*, x, 6280.

² No *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 6340.

³ Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, ii, 201, 601, 823, 829; o Veto, com um t, 529.

c) Num fragmento de lapide cupiforme, de marmore:



L. 1. Do D inicial só resta parte.

L. 2. Antes do P ha um ponto, o que faz crer que P não indica o *praenomen*, mas que este falta. — É a primeira vez que encontro *Oriclio*; mas a leitura não offerece duvida. Noutras inscripções de fóra da Península lê-se *ORICVLO*, *ORICLO* (= *AVRICVLO*). Talvez *Oriclio* esteja para *Oriclo* na mesma relação em que, por ex., *Dentio* está para *Dento*, e *Capitio* para *Capito*. O latim possuía, como é sabido, pouca tendencia para formar augmentativos; entre os poucos que restam conta-se *capito*, *-ouis*, «que tem a cabeça grande»; *Dento* deve pertencer à mesma categoria e significar «dentola»; *Oriclo* poderá significar «orelhudo».

L. 3. *Florice* = *Floricae* (dativo). *Agati* = *Agathi*, que se lê no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1401; *Agathus* (ou *Agatus*) é frequente no onomástico geral (origem grega).

L. 6. *Quam* em vez de *qua*. No latim da decadencia encontra-se frequentemente o accusativo regido de *cum*, por isso que *ma* não se pronunciava: tanto valia pois para o ouvido, no nosso exemplo, *quam* como *qua*.

L. 9. Das duas primeiras letras só se vê metade por a pedra estar gasta. Deve ser: II. Creio que não falta outra antes. *Mense* = *mense(m)*,

com queda do *m*, que, como se disse acima, desapareceu da pronúncia popular; é accusativo, e não ablativo, como se prova por *annos* na linha 8.

Os AA. não tem traço ao meio. O 1.º A da linha 3 tem aspecto de lambda.

O sentido é pois: «Dom aos deuses Manes P. Orielião (ou Oriclio) consagrou este monumento á memoria de sua dedicadissima esposa Florica, filha de Agato, com a qual fez vida commum durante quarenta e dois annos e um mês».

Proximo da igreja do Carmo, ao abrir-se um cabouco para edificações, encontrou-se, como me diz o Sr. Vargas na referida carta, uma sepultura completa; mas os estupidos trabalhadores estragaram tudo, salvando-se apenas um cippo marmoreo com uma inscripção. Aqui o reproduzo tambem, segundo o desenho que o mesmo Sr. me enviou:



L. 2. O cognome *Crysis* está por *Chrysis*, que apparece noutras inscripções peninsulares; tambem apparece *Crysis*, *Chrisis* e *Cry(s)ida*. Temos aqui a palavra grega χρυσίς, que significa «objecto de ouro» (bordado, vaso, etc.), designação bem propria no nosso caso, pois se applica a um rapariga de 23 annos. Cfr. *Julia Cleopatra* numa das inscripções precedentes, onde apparece o mesmo *nomen gentilicium* que

nesta, e também um cognome grego. Julia Cleopatra e Julia Chryside eram talvez libertas.

Altura da lapide: 0^m,69; largura no meio: 0^m,27; espessura: 0^m,11. Campo da inscrição: 0^m,18 × 0^m,17. Altura das letras: 0^m,025.

O sentido é: «Dom aos deuses Manes. Julia Chryside, de 23 annos, está aqui sepultada. A terra te (seja) leve».

Vê-se que o Museu de Beja continúa a progredir, o que é motivo de satisfação para todos os que se occupam da archeologia nacional.

J. L. DE V.

Moedas portuguesas de ouro carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes e no Continente Americano

Na minha publicação «As moedas da Colonia do Brasil» tive occasião de fazer conhecidas meia dúzia de differentes contramarcas, que em varios logares das Indias Occidentaes foram applicadas em moedas portuguesas de ouro, sobretudo em meias dobras, que circularam largamente naquella parte da America desde a segunda metade do seculo XVIII, isto é, desde que se deu o avultado augmento no rendimento das minas de ouro do Brasil, que fez com que estas moedas se tornassem tão abundantes que até procuravam países estrangeiros, como o Canadá e a Inglaterra, para alli poderem circular á vontade. É sabido que esta abundancia principiou no reinado de D. João V. As dobras eram conhecidas na parte britannica das Indias Occidentaes pelo nome de «Johanneses» (plural de Johannes) ou, por abreviatura, «Joes», e as meias dobras pelo nome de «Half Joes». Tendo cessado, em virtude da lei portugueza de 29 de Novembro de 1732, o lavramento das dobras, estas foram depois pouco a pouco desaparecendo, e então em alguns logares chamava-se á meia dobra, impropriamente, «Joe», quando se devia dizer «meio Joe». As moedas de ouro de 43800 réis os ingleses deram o nome de «Moidores». Houve tempo (1790 a 1820) em que as moedas portuguesas de ouro constituiram o principal meio circulante nas Indias Occidentaes do domínio inglês, francês, hollandês e dinamarquês, auxiliadas pelas patacas hespanholas de prata, inteiras, cortadas e fraccionadas. As meias dobras tinham alli geralmente o valor de 8 patacas hespanholas. Aconteceu, porém, que estas moedas de ouro foram muito cercceadas, tendo-se originado tão feia pratica na circums-

tancia de ser o valor das moedas de ouro no mercado algum tanto superior áquelle que fôra oficialmente estabelecido¹. O abuso do cerceamento chegou a tal ponto que as peças, em vez de pesarem 4 oitavas, só pesavam cêrca de 3, vindo isto a produzir verdadeira calamidade, que obrigou os respectivos Governadores a tomar serias providencias. Consistiam estas no arbitramento de um preço, ou para determinada unidade de peso, ou para moedas cujo peso estava dentro de certo limite, permitindo-se, ou tolerando-se, em alguns logares, dar ás moedas um augmento de peso por meio de um cravo, que se pregava no centro (em francês chamado «clou»², em inglês «plug»³). Esse cravo era muitas vezes composto de uma mistura de ouro com metaes ordinarios. Em conformidade com os differentes systemas estabelecidos, mandou-se proceder á carimbagem das moedas, para assim se nacionalizarem, adoptando cada ilha, ou cada grupo de ilhas, um carimbo especial. Esta pratica continuou ainda durante o primeiro quartel do século XIX, até que as peças assim tatuadas ou deformadas foram desmonetizadas, e então desapareceram nos cadinhos dos ourives d'aquellas terras ou acharam, como ouro velho para derreter, o caminho para os mercados europeus. Hoje estas moedas, carimbadas ou cravejadas, são bastante raras, e mais facilmente se encontra um ou outro exemplar em Paris ou em Londres do que naquellas ilhas.

A primeira meia dobra assim carimbada achei-a, ha uns doze annos, no mercado do Rio de Janeiro. Como eu fizesse ver ao cambista que a moeda parecia ser muito leve, tive em resposta que esta era precisamente a razão por que valia mais, visto que meia dobra com o simples peso de 3 oitavas já era só por si alta raridade, sem falar do carimbo (o algarismo 20, tendo por baixo a figura de uma pequena

¹ The characteristic feature of the Windward Islands was the prevalence of the Portuguese Johannes as the standard coin. The underrating of this coin at 38, lead to the circulation of light «Joes» and to the mal-practices of clipping, sweating, etc. *History of Currency in the British Colonies*, by Robert Chalmers, London 1893, p. 82.

² Lorsqu'une monnaie se trouvait rognée, un orfèvre y pratiquait un trou de façon à écarter le métal et le bouchait avec un moreneau d'or d'un titre quelconque qu'il aplatissait ensuite et qui formait une tête de clou. Il donnait ainsi à la pièce le poids légal. *Histoire Monétaire des Colonies Françaises*, par E. Zay Paris 1892, p. 193.

³ When a gold coin which had been clipped was raised again to the standard weight, the additional gold, fixed on the clipped coin, was called the «plug», and the lumpy result was plugged gold coin. Needless to say, the plugs were frequently adulterated. The coin most commonly plugged was the «Joes». Robert Chalmers, *ob. cit.*, p. 23.

aguia), que lhe dobrava o valor. Desde então estudei as meias dobras que tinham falta de peso, tratei de conhecer os exemplares semelhantes que se acham em outras collecções e esforcei-me por obter aquelles poucos que em longos intervallos appareceram nos mercados europeus.

Foi no catalogo da celebre *Collecção de Moedas e Medalhas Portuguezas*, de Eduardo Luis Ferreira Carmo, do Porto, que se me depa-rou a indicação de tres meias dobras com carimbos estrangeiros (n.^{os} 546^b, 597 e 598), que me pareciam dever pertencer á categoria das que me interessavam, e, informando-me do actual dono d'aquella collecção, o Ex.^{mo} Sr. Aires de Campos, foi confirmada a minha suppo-sição. Este cavalheiro teve a amabilidade de permittir que se tirasse a photographia do n.^o 597, que reproduzi no meu livro a p. 169, n.^o 99^a.

Os mais valiosos elementos de estudo concernentes á carimbagem de moedas portuguezas de ouro no Archip-lago Columbiano encon-tramo-los, porém, nas duas publicações de E. Zay, Paris, e de Robert Chalmers, Londres, cujos titulos já a cima indiquei. Os autores d'estes interessantes trabalhos, em virtude das pesquisas que puderam fazer nos respectivos archivos publicos, chegaram a descobrir documentos officiaes, que nos transmittiram, os quaes nos dão a explicação de bom numero d'estas contramarcas. É aos indicados autores que devemos o conhecimento das circumstancias particulaes que motivaram a marca-ção das moedas, e assim podemos agora, com probabilidade de acerto, determinar a proveniencia de alguns d'esses carimbos.

Existem com certeza ainda outros carimbos d'aquellas numerosas ilhas, que são por enquanto desconhecidos; entretanto dar-me-hia por feliz se pudesse com estas linhas despertar o interesse dos colleccionado-res, chamando a sua attenção para peças semelhantes, que porventura jazam inapreciadas nos seus medalheiros: seria bem possível que alguns exemplares tivessem, de volta das terras descobertas por Colombo, pro-curado novamente a sua patria, não para lá morrerem, que as cousas inanimadas não morrem, mas para continuarem a viver contando aos que desejarem ouvi-las as suas aventuras por países longinquos.

Passando agora a descrever os numeros reproduzidos na estampa junta, e mencionando ao mesmo tempo os outros exemplares que me são conhecidos, desejo apresentar assim aos leitores um pequeno re-sumo d'este assunto.

1. Moedas carimbadas

1. Meia dobra (65400 réis), cerceada, de D. José, 1778. R., peso 9^{gr},80 (em vez do legal de 14^{gr},34). Carimbo applicado na ilha franceza

La Martinique em 1805: algarismo 20, tendo por baixo a figura de uma pequena aguia, semelhante á do exemplar já reproduzido na estampa XV n.º 2.

Outros exemplares são: o n.º 598 da collecção-Carmo, de D. José, 1769 (letra R?); um na collecção do Sr. E. Zay em Paris, do mesmo anno, letra R., pesando este 10^{gr},90; e outro na collecção do Sr. João Carlos da Silva, em Angra do Heroísmo (Ilha Terceira) de 1767. R.

Semelhante a este carimbo é o dos n.ºs 2 e 3.

2. Moeda de ouro (45800 réis), cercada, de D. João V, 1718. 4R, peso 8^{gr},85 (em vez de 10^{gr},75). Carimbo posto na ilha francesa La Martinique em 1805: algarismo 22, tendo por baixo, como no n.º 1, a figura de uma pequena aguia.

3. Meia dobra, cercada, de D. José, 1765. R., peso 11^{gr},70. Carimbo igual ao do numero anterior.

Outros exemplares são: um na minha collecção, de D. Maria I e de D. Pedro III, 1786. R., peso 12^{gr},50, já reproduzido a pag. 195, n.º 31; o do n.º 546^a da collecção Carmo, de D. João V, 1747. R.; outro na collecção do Sr. João Carlos da Silva, em Angra, de 1776. R.; outro, de meio escudo (800 réis) de D. João V 1729, que pesa 1^{gr},67 (em vez de 1^{gr},79), com a mesma contramarca, que me foi ultimamente communicado, e que se acha nas mãos de um colleccionador em Gueloupe.

Os dois carimbos precedentes, nos quaes se encontram leves differenças, são, como se deprehende do numero de exemplares citados, os menos raros, e existem, como vimos, não somente em meias dobras, mas tambem nas suas divisões e mesmo em «moedas de ouro», o que faz presumir que o nome francês de «Moëdes» se referia primitivamente a esta ultima especie, tomando depois a significação generica de «Monnaies d'or». Os francezes usaram tambem muito da expressão «Lis-bonnine» ou «Portugaise», tanto para as moedas de ouro de 45800 réis como para as meias dobras de 65400 réis, ao passo que os ingleses conservaram o nome de «Moïdor» para as moedas de ouro de 45800 réis.

Dos documentos publicados por E. Zay, que eu transcrevi a pag. 115, juntando-lhes um complemento e uma rectificação que o proprio autor da *Histoire Monétaire des Colonies Françaises* me tinha ministrado, segue-se que os dois carimbos agora descritos são oriundos da ilha francesa La Martinique (onde no dia da Assunção d'este anno se deu o terrivel catastrophe em que perderam a vida uns 20:000 habitantes), que os algarismos 20 ou 22 indicam o valor em *livres coloniales* da unidade de peso que era o *gros* equivalente a 3^{gr},82 (um pouco mais da oitava), e que o encarregado da carimbagem teve de imprimir a marca de 20 ou 22, conforme a proveniencia das moedas («marquer du chiffre 22 les

moedas d'or vrai de Portugal, de 20 celles de fabrique d'Amérique, de Genève ou de pays étrangers*) e finalmente que a proporção do valor da moeda colonial com a da mãe-pátria alli era em 1805, quando foi ordenada a marcação, de 3 : 5. Para se chegar a conhecer o valor de uma moeda, era preciso portanto pesá-la, e multiplicar depois o numero de *gros* pelo algarismo marcado, de 20 ou de 22. Sabendo-se que o toque legal das moedas portuguezas, tanto das cunhadas no continente como das lavradas no Brasil, era uniformemente de 22 quilates, estranhámos naturalmente encontrar em exemplares absolutamente legítimos ora o carimbo de 20, ora o de 22. Só explico isto admitindo a hypothese de que o encarregado do serviço da marcação tivesse encontrado algumas diferenças de toque, que o pudessem ter induzido a applicar em legítimas moedas portuguezas o carimbo de 20 em vez de 22, e por que nas casas de moeda no Brasil o toque prescrito não foi sempre rigorosamente observado. Em circulação achavam-se tambem imitações de moedas portuguezas, de ouro baixo¹ (suspeito que o meu exemplar de 1773 com a letra monetaria que finge um R, reproduzido a pag. 169, n.º 94, é uma d'ellas) fabricadas na America e na Inglaterra², e a estas é que era officialmente destinado o carimbo de 20. Devo entretanto observar que, calculando-se o kilogramma de ouro de 22 quilates a 3:157 *francos*, e tomando se a relação da moeda colonial com a da mãe-pátria, como ella regulava em 1805, quando principiou a carimbagem, isto é a de 3 : 5, resulta para o *gros* de 3^{rs},82 só um valor de 20 libras; parece portanto que já naquella epoca a indicada relação tendia para subir, chegando effectivamente em 1817 a ser de 100 : 185 em Guadeloupe e de 100 : 180 na Martinique, e para se obter o valor de 22 libras coloniales era preciso contar com a proporção indicada nestes ultimos algarismos. Em 1826 foi abolida a *livre coloniale*.

4. Meia dobra, não cercada, de D. Maria I e D. Pedro III, 1779. R., peso 14^{rs},30. Carimbo da ilha franceza de Guadeloupe 82.10 (82 *livres* e 10 *sous*, moeda colonial) e por cima outro: G coroado (George III) numa oval; ambos da administração inglesa, postos provavelmente nos annos de 1810-1811.

¹ Une Lisbounne, ou Portugaise, de 1755, de fausse fabrication, s'est trouvée au titre de 0.629 (16³/₄ karats). *Traité des Monnaies d'or et d'argent* par Pierre Frédéric Bonneville, Paris, 1806, pag. 46.

² Robert Chalmers, pag. 20, citando um memorandum de Tortola, datado de 1802, escreve: at the same time a villainous practice was introduced of importing base half-Johannes from Birmingham, Sheffield, and America. Aqui a palavra America com certeza não se refere ao Brasil, mas sim á America do Norte.

Exemplar igual é o do n.º 597 da collecção Carmo, que já reproduzi na pag. 169 sob o n.º 39*, de D. José, 1759. R.

Aqui o carimbo indica o valor em *livres coloniales* que cabia á mesma moeda, tendo ella, como é o caso, o peso legal e não somente o de uma unidade de peso, correspondendo o valor marcado de 82.10, como fiz ver a pag. 116 do meu livro, com o de 22 *livres coloniales* por *gros*. Pelas informações que nos offerece E. Zay a pag. 193 da obra citada, sabemos que foi em Guadeloupe, durante a *administração inglesa*, que se punccionaram *moëdes* com um G coroado e se lhes marcou o valor em *livres, sous et deniers*. Como se vê, a coroa que encina a letra G é effectivamente de forma inglesa, e a indicação do valor (82.10) está demonstrando que os ingleses conservaram alli o modo francês de calcular por *livres coloniales*, como conservaram em Essequibo e Demerara o computo hollandês por florins.

A ilha de Guadeloupe esteve por quatro vezes no poder dos ingleses: de 1759 a 1763; em 1794 só sete meses; de 1810 a 1813, quando foi cedida á Suecia que a dominou apenas durante cêrca de um anno; e de 1815 a 1816; voltou porém depois ao dominio francês.

A pag. 191 E. Zay cita ainda um decreto da *administração francesa* de 22 de Abril de 1803 a respeito de moedas cravejadas, que acabavam de ser introduzidas em Guadeloupe. Como os respectivos cravos foram reconhecidos como ouro alterado, julgou-se necessario impedir a circulação de semelhante moeda, a não ser que se estabelecesse previa verificação. Aquelle decreto determinou que as *moëdes* de ouro bom deviam ser estampadas com um G e com uma outra marca que as fizesse reconhecer. *Este carimbo de G acompanhado de outra marca é dos que ainda não cheguei a ver.*

5. Meia dobra, pouco cerceada, de D. José, 1769. R., peso 12^{gr}.60. Este exemplar, juntamente com o n.º 6, já occasionou um pequeno artigo que publiquei na *Numismatic Circular de Spink & Son* do mês de Julho de 1901. A moeda levou tres carimbos: um rectangular, collocado sobre o pescoço do rei, algarismo 22, seguido, mais por cima, de um signal indicativo de *livres* e depois vem a figura de uma pequena cabeça barbada, que representa talvez a autoridade governamental (?) Os outros dois carimbos são: no anverso, sobre a testa do rei, o algarismo 22 e no reverso, sobre a coroa, a figura de uma cabeça, de frente, trabalho rude; ambos num quadrado. Aqui temos, portanto, duas vezes a indicação do valor; quer-me, porém, parecer que a sua significação não é identica. O primeiro punção, que tem certa analogia com os dos n.ºs 1 a 3, marca o valor de 22 *livres coloniales* por *gros* e dá assim a entender que foi applicado nas Antilhas francesas, sem

nos deixar conjecturar em qual d'ellas. Os outros dois carimbos, que foram talvez postos simultaneamente, um no anverso, outro no reverso, também não denunciam bem a sua proveniência, a não ser pela figura da cabeça, que entretanto nos é desconhecida; fica-nos a alternativa ou de presumir que serão também oriundos de uma d'aquellas ilhas francesas, o que julgo pouco provável, ou então de os attribuir a uma das *Possessões, que são, ou que já foram Hollandesas*, quer d'aquelle mesmo archipelago (Curaçao, S. Eustache, Saba e em parte S. Martin) quer do continente americano (Guiana hollandesa, outrora composta de Berbice, Essequibo, Demerara e Surinam e agora reduzida a esta ultima colonia, por terem as primeiras tres passado no começo do seculo XIX para mãos britannicas) que conservaram ainda por muito tempo o modo hollandês de calcular por *guilders* ou florins, valendo o Joe (a meia dobra) 22 *guilders*¹. Na minha opinião é a *guilders* que se refere a segunda indicação do valor que vemos no carimbo quadrado, mas falta-me um ponto de apoio para dizer a qual das ilhas ou a qual das colonias hollandesas pertence. Seria proveniente da ilha de S. Martin, que está em parte sob o dominio dos francezes e em parte sob o dos hollandeses, obedecendo a figura de uma cabeça, que se vê também no primeiro carimbo, a uma ideia commun? Seria de Essequibo, por ser quadrado, não obstante faltar-lhe a inscrição E. D (Essequibo e Demerara)? São supposições que só futuras investigações poderão esclarecer.

6. Meia dobra, cerceada, de D. José, 1773. R., peso 10^{gr}, 25. Carimbo E D, em letras cursivas (Essequibo Demerara), em uma depressão oval, applicado no anno de 1798 na colonia inglesa Demerara, para a moeda poder temporariamente circular com o valor de 22 *guilders* (florins hollandeses).

Nas *Moedas da Colonia do Brasil*, pag. 116, já citei as interessantes informações que nos deu Robert Chalmers na sua *History of Currency in the British Colonies*, ao tratar da Guiana britannica, a saber: A meia dobra era em 1798 nas colonias de Essequibo e Demerara a medida geral dos valores e por assim dizer o unico meio circulante. No meado d'aquelle anno parece que circulava alli grande quantidade de Johanneses cerceados. Por iniciativa do Governador que teve razões para recear mais outra importação das mesmas moedas, o tribunal de

¹ Robert Chalmers, pag. 121: These three Colonies (Berbice, Demerara and Essequibo) long retained the mode of reckoning by Guilders which had been in vogue under Dutch rule. A half Johannes (here styled a whole Johannes) passed for 22 guilders or florins.

policia passou no dia 2 de Agosto de 1798 uma ordem a respeito d'estas moedas leves, verificando-se que em 29 de Outubro do mesmo anno não havia em circulação senão Joes e só muito poucas ou nenhuma de outras moedas. Estabeleceu essa ordem (holandesa) que pelo preço usual de 22 guilders só podiam ser aceites os Johanneses de ouro (isto é, os que não eram falsos) que tivessem o peso de 7 *engels* e as fracções em proporção. Porem, para evitar prejuizos aos habitantes, visto que todos os Johanneses que se achavam na colonia pesavam menos de 7 *engels*, ordenou-se que os que tinham intactas as letras da inscrição fossem puncionados, para poderem ainda durante um anno passar pelo valor inteiro, e nomearam-se dois commissarios para carimbar a moeda, devendo o carimbo para Essequibo ser *quadrado*, com as letras E. D, e *circular* o para Demerara, com as mesmas letras. Baseado nestas informações, não hesitei em attribuir este numero a Demerara, *faltando-me ainda encontrar a marca para Essequibo, que deve ser quadrada e conter as mesmas letras E. D.*

Em 1808, isto é, dez annos depois d'aquella ordem concernente aos Joes cercados, vieram os Joes cravejados perturbar o meio circulante colonial. (Continuo a aproveitar-me das informações de Robert Chalmers). Tendo uma enorme quantidade de peças portuguezas, com cravos de cobre ou de latão levemente dourado, chegou a introduzir-se na circulação das colonias de Essequibo e Demerara, resolveu-se recolhê-los todos, de qualquer metal que os taes cravos fossem, e emittir notas em lugar d'elles. Recolheram-se logo cêrca de 28:000 Joes cravejados, que foram remettidos para Inglaterra, para lá serem vendidos, e emittiu-se uma somma equivalente em notas, resgataveis no prazo de 18 meses. No officio que acompanhou a remessa, o Governador pediu que, no caso de Sua Majestade Britannica não julgar conveniente permittir que a recunhagem d'aquelle ouro fosse feita em peças portuguezas, que eram a unica especie corrente naquellas colonias, se ordenasse o lavramento de uma real moeda colonial de ouro do mesmo peso, toque e valor das que corriam. Esta proposta não achou acceitação na metropole. Foi ordenada a cunhagem de moedas especiaes de prata para Essequibo e Demerara. Até 1815 seguiram-se outras e importantes remessas de milhares de Joes (dos quaes hoje custa a encontrar algum exemplar avulso!), tomando sempre o papel-moeda o seu lugar. D'estas notas coloniaes, emittidas ao principio para serem resgatadas dentro de 18 meses, achavam-se ainda algumas em circulação no anno de 1841. Tenho na minha collecção as fôrmas d'estes «Colony Goods of Demerary and Essequibo» de 1, 2, 3 e 20 Joes = 22, 44, 66 e 440 guilders.

Seguem-se agora dois exemplares, cujas contramarcas dão campo a diferentes supposições. Não é, entretanto, possível adeantar nada de positivo a respeito da significação que tem.

7. Meia dobra, não cerceada, de D. José, 1769. B., peso 14^{gr},25.

Carimbo (bastante nítido) de uma pequena flor de lis, posto atrás da cabeça do monarcha.

E. Zay reproduziu a pag. 200 o carimbo de uma grande flor de lis (trabalho mais grosseiro), como sendo de Guadeloupe, posto em moedas estrangeiras de prata e a pag. 207 dois outros, como sendo de S. Martin (parte franceza), em moedas de cobre e de bilhão. Isto dá lugar a perguntar se o carimbo d'este n.º 7 não podia ser também proveniente d'aquellas possessões francezas?

8. Meia dobra, cerceada, de D. Maria I e D. Pedro III, 1781, (sem letra monetaria), peso 12^{gr},35.

Este exemplar é o que figurou na collecção de Jules Fonrobert, que vem descrito no respectivo catalogo sob o n.º 8:808; foi castigado com seis carimbos no anverso e um no reverso. Os do anverso são: na orla, G I, L, M H (em monogramma), H (B ás avessas), no centro G M (em monogramma), podendo as letras também ser tomadas por C H (os dois ultimos carimbos em circulos dentados) e mais um sinal em forma de roseta ou de trevo de quatro folhas. O do reverso, que não está mencionado no catalogo de Fonrobert, consiste numa pequena letra W dentro de um circulo. Fonrobert attribue estes carimbos á autoridade portugueza que em 1823 continuava a sustentar-se na cidade da Bahia (Brasil); creio, porém, que não se pode produzir nenhum motivo que fale em favor de semelhante supposição. Parece-me que também devemos procurar a origem d'estes carimbos nas Indias Occidentaes.

2. Moedas cravejadas

9. Meia dobra, cerceada, de D. José, 1771, R., peso 10^{gr},95 (cêrea de 3 oitavas).

Este exemplar, que já foi reproduzido nas *Moedas da Colonia do Brasil*, est. XV, n.º 3, tem a cabeça do cravo muito saliente e em cima d'ella vê-se num rectangulo a marca das letras L. H., que talvez representem as iniciais do nome de quem mandou cravejar a moeda. Esta operação em algumas ilhas foi feita officialmente e em outras particularmente. O cravo, que devia naturalmente ser de ouro fino, era algumas vezes de ouro muito baixo, ou mesmo de qualquer outro metal, apenas um pouco dourado. Servia o cravo para dar á moeda o peso estabelecido nas differentes ilhas, como limite para poder circular, e

este limite variava de ilha para ilha: era de 7 dwts (pennyweights) em S. Kitts, Antigua, Montserrat e Nevis, ou de cerca de 3 oitavas (1 pennyweight = 1st,555), ao passo que para Tortola era fixado em 8 pennyweights ou cerca de 3,5 oitavas.

10. Meia dobra, pouco cercada, de D. José, 1757, R., peso 14st,20 (perto de 4 oitavas).

Este exemplar também já se acha reproduzido, veja-se pag. 168, n.º 294, do meu livro citado; só pelo reverso se conhece que está cravejado; no anverso, em cima do cravo, vêem-se as letras F & G dentro de uma depressão oval. Devido á ajuda do cravo, esta moeda chegou novamente a ter o peso primitivo de 4 oitavas (ou quasi); é portanto de suppor que fosse cravejada para uma das ilhas, onde só podiam correr os Joes de peso legal, como na de Barbados. Veja-se Robert Chalmers, *ob. cit.*, pag. 20

3. Moedas carimbadas e cravejadas

11.ª Meia dobra, cercada, de D. João V, 1747, R., peso 11st,50.

Foi oficialmente cravejada na ilha britannica de Grenada (que com as de S. Vincent e S. Lucie forma o grupo das Windward Islands), para que o seu peso chegasse ao limite prescrito de 7 dwts. 12 grs. (7 pennyweights e 12 grains ou 11st,66) sendo a cabeça do cravo marcada com J. W. (em letras cursivas) e carimbada no anno de 1798 em triplicado, sempre perto da orla, com a letra G. (Grenada), para poder correr pelo preço de 3 libras e 6 shillins.

A respeito d'este exemplar, que está numa collecção particular de Londres e que eu já tornei conhecido a pag. 174 das *Moedas da Colonia do Brasil*, vou aqui repetir as informações colligidas da obra de Robert Chalmers, pag. 83, que, como se verá, se adaptam perfeitamente ao caso. Em 31 de Julho de 1798 publicou-se em Grenada uma ordem para, em vista do estado alterado e degradante das variedades de moedas que ali circulavam, se regularem os preços d'ellas e também para se evitar que aquella ilha fosse inundada com as leves moedas portuguezas de ouro que estavam sendo desmonetizadas nas colonias vizinhas. Na lista que acompanhou a ordem as meias dobras estavam assim tarifadas:

Johannes, de peso não inferior a 7 dwts. 12 grs. (11st,66) 3 libras e 6 shillins; Johannes, de peso não inferior a 8 dwts. 12 grs. (13st,20) 3 libras e 12 shillins.

E como havia em circulação poucos Johanneses, cujo peso chegava ao limite de 7 dwts. 12 grs., e se anteviam os embarços que d'ali po-

diam resultar para o commercio, ordenou-se que os Johanneses do peso de 6 dwts. (9^{gr},33) fossem cravejados pelos officiaes para isso nomeados até que o seu peso attingisse o limite estipulado. Para facilitar a circulação do Johannes, e das suas partes divisionarias, tanto d'aquelles que tinham os pesos devidos como dos que então se permittia que fossem cravejados, determinou-se que nos Johanneses com o peso de 8 dwts. 12 grs., ou mais, se imprimisse a letra G no centro, do lado da effigie, e naquelles que pesassem 7 dwts. 12 grs. a mesma letra em tres logares, tambem do lado da effigie e tão perto da orla quanto fosse possível. A ultima determinação era evidentemente para obstar que houvesse novo cerceio.

O peso d'este exemplar é de 11^{gr},50. Depois de carimbado foi furado e assim o seu peso correspondeu ao de 7 dwts. 12 grs. O carimbo que lhe cabia era effectivamente o de G, applicado em tres logares, para a moeda correr pelo valor de 3 libras e 6 shillins. Não encontrei ainda a variante de carimbo com um só G no centro, que deviam receber os exemplares cujo peso attingisse a 8 dwts. 12 grs. ou 13^{gr},20 valendo 3 libras e 12 shillins. Este valor entende-se naturalmente em moeda colonial, que estava para o da moeda da mae-patria como 36 : 72 ou como 1 : 2 e até mais alto, isto é como 100 : 210, se levarmos em conta que o peso legal da meia dobra não é só de 8 dwts. 12 grs. (13^{gr},21), mas de 9 dwts. 5 grs. (14^{gr},34).

12. Meia dobra, cerceada, de D. José, 1767. R., peso 11^{gr},60 (7 dwts. 12 grs.). Encimando o cravo ha uma marca com as letras G H e perto da orla vê-se em tres logares o carimbo da letra S.

Em Mrs. Spink & Son's, *Numismatic Circular*, do mês de Agosto de 1899 já publiquei esta moeda, dando a entender que talvez a letra S indicasse as possessões britannicas Sommer Islands, ou ilhas Bermudas, e mencionei naquella occasião tambem umas moedas de prata cortadas (fracções de patacas hespanholas) com a contramarca de um S, ás vezes só, outras vezes em companhia da palavra Tortola, e sinto não ter encontrado depois nenhuns dados mais que pudessem contribuir para melhor interpretação d'este carimbo.

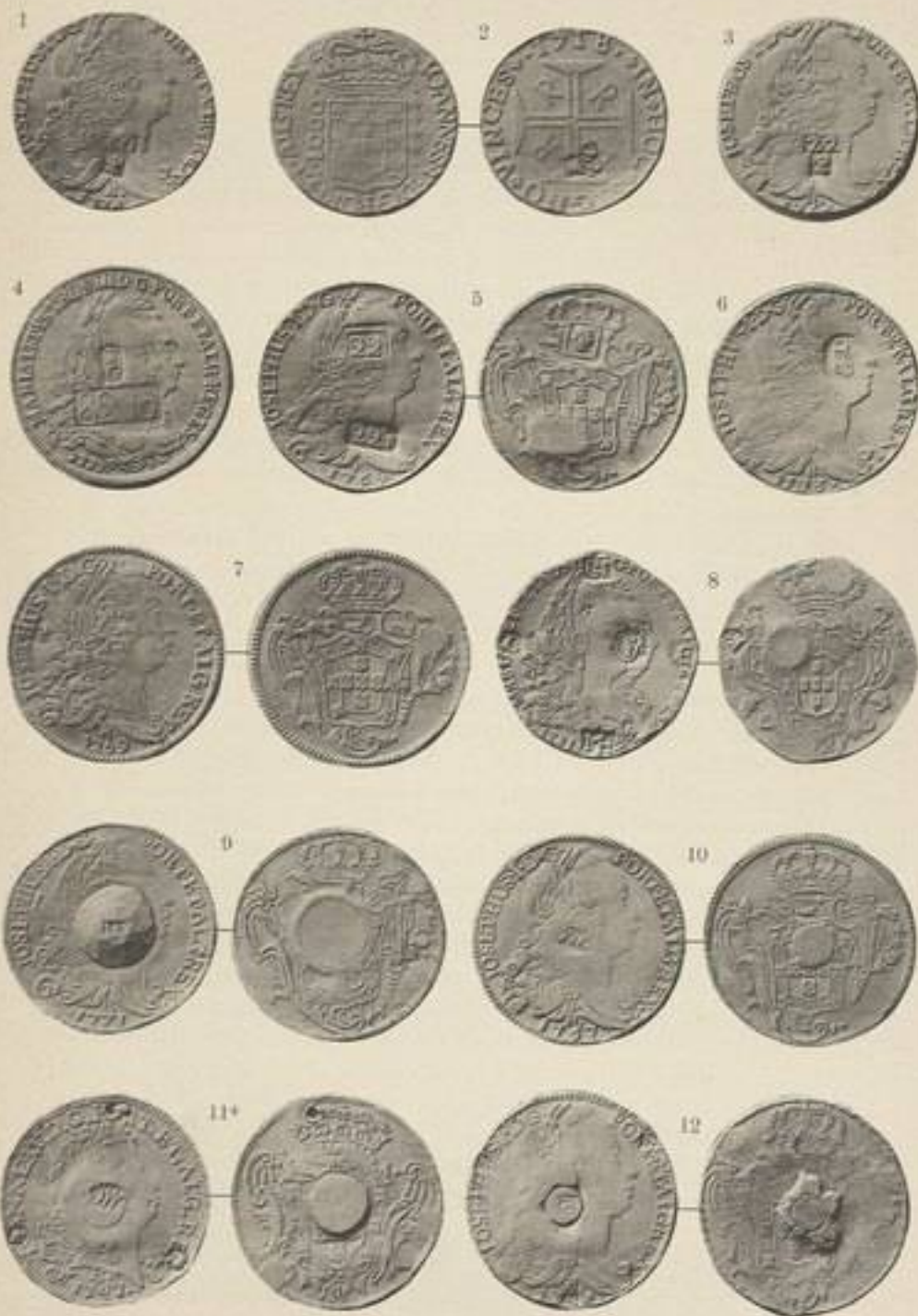
Os n.^{os} 5 a 12 representam os unicos exemplares que conheço com essas contramarcas.

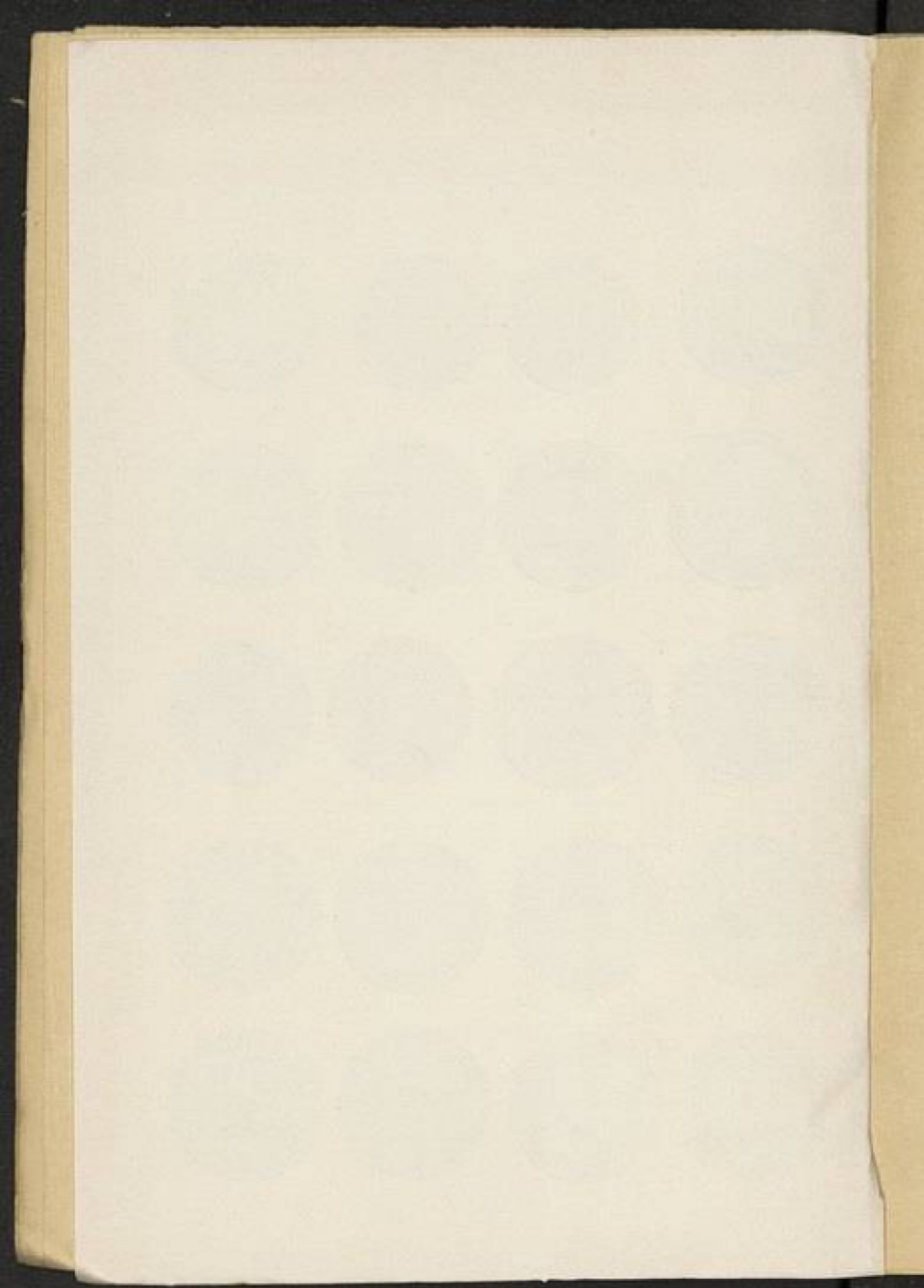
É notavel que todos os exemplares aqui mencionados, com excepção apenas do n.^o 8, sejam de origem brasileira, isto é, cunhados na Casa de Moeda do Rio de Janeiro, ou na da Bahia.

JULIUS MEHL.

Moedas Portuguesas

carimbadas ou cravejadas nas Indias Occidentaes.





Um inventario do seculo XIV

(Continuação de pag. 234)

Serpa

It. Estes ssom os hornamentos que A ordem ha na Egreia de ssã saluador de serpa primeiramente. It. quatro calezes de prata cõ sas patanas It. hũ tribulo de prata britado. It. quatro vistimentas cõpridas e Acabadas de pano de lĩho. It. tres mantos velhos de çendal. It. hũa capa velha de meja laã. It. hũ mjsal grande. It. dous pequenos. It. hũ pistoleiro. It. dous liuros de bautizar e de ssoterrar. It. hũ liuro do offiço do corpore criste. It. hũ liuro dos vitatorios pontado. It. hũ caritinho. It. dous domjngaes hũ de canto e outro de leenda. It. hũ caderno do Auento. It. hũ Offiçal. It. dous ssantaes grandes. It. hũ santal de Comũ. It. tres ssalteiros. It. tres sobrepelizas. It. treze vecos de seda. It. hũ esquinino En que iazẽ os ditos lãões. It. hũa boçeta de prata En que iaz o corpo de deos. It. tres Alfãbaras novas. It. hũa cortjinha noua. It. hũa tenda Redonda que sta sobre o Altar. It. hũa colcha que sta sobre o croçifixo. It. hũa peça de sauaas e de mãtões velhos cõ que stã cubertos todos os Altares. It. hũa Alfãbar que sta no Altar de ssã ssalvador. It. disse Johan Vicente que Auia hj hũa cruz de prata que iazia Enpenhada por o ffeito do que En Ela ffezerõ. It. dous sinos grandes. It. duas Cãpãas de Sotelha. It. hũa cãpaa de cumungar. It. hũa Arca grande grande Em que iazẽ os ornamentos. It. hũ frontal destoria de sã johane por os quaes ornamentos ffeou por fiador Joham Affonso dito scudeiro tabeliom os quaes ornamentos fforã Entreges A Johan Vicente erelego A quẽ os o dito Gonçalo Stenez Entregou.

It. Estes som os ornamentos que o dito Gonçalo Stenez Achou Em A egreja de santa Maria de Serpa primeiramente hũa cruz de prata. It. tres calizes. It. hũa copa de prata cõ hũ calez pequeno de cumungar cõ ssa cruz e cõ sa toalha e cõ sa napeira. It. hũ tribulo britado. It. hũa naneta cõ ssa colhar. It. hũa boçeta En que ia o corpo de deus. It. seis vecos de seda Antre velhos e novos. It. tres vecos velhos de seda Rotos. It. tres vecos de lĩho. It. hũ veço de seda cõ pedieiras douro. It. hũa colcha que sta no Altar de santa Maria. It. tres vistimentas de pano de lĩho. It. tres mantos de çendal cõ hũ pano douro. It. tres sobrepelizas. It. tres salteiros dous velhos e hũ nouo. It. hũ offiçal. It. hũ pistoleiro. It. hũ mjsal grande. It. hũ santal de dous velumes. It. hũ domingal de dous velumes. It. hũ caderno de corpore christi. It. dous mjsaes pequenos. It. hũ liuro de bautizar. It. hũa cãpã de cumungar. It. hũa cãpã de sotelha. It. hũa capa vjada. It. outra quaresmal. It.

duas cortinha de cima do Altar de santa Maria os quaes ornamentos de santa Maria o dito Gonçalo Stenez Entregou a afonso canes ere logo dordões meores que pos que se nise A dita Igreja de santa Maria por os quaes ficou por fiador Gonçalo Stenez Çeuadeiro moor do Ifante dom fernando.

Moura

Era de mjl e quatrocentos e dous Anos dez e seis dias de mayo En moura dentro na Igreja de Sanhoane Gonçalo stenez Corredor (sic) que se dizia das terras da ordem dauis e prouedor dos bñes que A ordem dauis ha En nos Reinos de portugal e do Algarue deo as tesourarias de sanhoane e de santa Maria de Moura a afonso martinz ere logo filho de Martin Migees e Entregou lhe Estes ornamentos que se Adeante segem. It. sette calezes de prata cõ ssas patanas os quatro saas e os tres dessoldados dos quaes tijna hũ delles o cano dentro e A maça e o vaso dalatom e hũ chapa dalatom A sobre A maça e os dous tijnhã chũbo cõ que forã ssoldados os quaes pessarõ sete marcos e sete honças per As honças da marçaria. It. hũ Copa de comũgar e hũ calez pequenjo e hũ cruz pequena que pesou todo quinze honças de prata. It. hũ Arqueta de prata que pesou tres honças de prata. It. hũ tribullo de prata e hũ naueta e colhar que pesou quatorze honças cõ hũ Argola que o tribullo tijna da latom En cima pella ourela e hũas cadeas En fũdo dalatom que foj todo pessado. It. hũ cruz de prata que pesou Çinco marcos e meo. It. hũ cruz de pãao cõ ffolha de prata cuberta britada e hũ pẽe da cruz de prata. It. hũ naueta dalatom. It. hũ cruz de pãao grande cuberta cõ ffolha dalatom velha. It. duas cruces dalatom pequenas. It. quatro cãpajnas duas de sotelha e duas de cumungar e hũ Era sã badalo. It. tres casticaes de fierro pequenos. It. seis vistentas cõpridas e hũ tijna o manto ffestual e A outra tijna o manto quareesmal. It. seis mantos os quatro velhos e dous Rotos festjuaes. It. dez Almatjeas ojto velhas e duas novas. It. duas Capas hũ vjada e A outra de bal de qui. It. duas sobrepelizas sãs. It. noue Almaticas velhas Rotas En logares e outras todas Rotas que o dito prouedor mandou que Adubasem hũas cõ As outras. It. tres chumellas pequenas. It. quatro mantões de ljuho velhas e Rotas En logares. It. duas palas velhas e duas Alfardas e hũa dellas tynha hũ buraco de ffojo. It. dous offiçaes de leçda e de canto. It. dous mjsaes hũ mjestico e outro nom. It. dous ssãtaes hũ husado e outro velho. It. dous domingaes de leenda e de canto Ambos velhos. It. tres santeiros dous velhos e hũ nouo cõ tauoas. It. hũ caderno da conceiçom. It. outro caderno de santa maria do neme (sic). It. outro caderno de sã bras.

E este ornamentos suso ditos som scritos per Gonçalo fernandez Tabellion del Rej En moura e Asinada per sua mñao segundo parecia e fazia mengom.

Nondar

Era de mjl e quatroçentos Anos dez e ojto djas de majo En na dita vjla de nondar dentro En no castelo da menagõ En cima Aa porta da torre grande Gonçalo stenez conton e fez contar o Almazẽ do dito castello e foj hj Achado trinta scudos novos e Majs sete. It. vinte e nove capellos e baçinetes de fferro. It. trinta gorgeiras de solhas. It. quinze boestas treze çintos cõ que as Armã. It. trinta solhas dalmazẽ cubertas de pano de ljuho. It. hũa soma de setas As quaes Armas Achou o dito Gonçalo stenez En poder de Gonçalo vaasquez Alcajde e ficarõ En seu poder.

Alandroal¹

It. seja Eguas paridas de potros machos deste Ano nados. It. Ojto Eguas paridas de potros ffezas deste Ano nadas. It. Çinco potros machos de dous dous Anos. It. çinco potros machos de senhos Anos. It. hũ canalo branco das Eguas de cavallagẽ. It. dez e nove Eguas Alfeirias (?) per grandes e per pequenas e son En soma per todas quareenta e quatro cõ o canalo das Eguas de grandes e quatorze potros e potras tenreiros. It. hũa Adega En que stã dez taalhas de vinho branco cheas e tres cheas de Rosete e ojto de vjuho nermelho As Çinco de bõ vjuho e A tres de mñao e duas taalhas quebradas e hũa tjnha e hũ coucho de pisar tjata. It. Esta hũa taalha de vjuho na adega de Joham dos Pasos e ho vjuho he do Meestre e A taalha dalquiel e ho vjuho he ffermjgento.

It. sta hũa Cuba na adega de madrijana martinz e o vjuho he do Meestre e A cuba he de madrijana martinz e ho vjuho he mñao. It. Achamos nouenta e vijj^o vacas per todas e destas son dez e nove paridas e trinta e hũ machos. It. Achamos dous touros e outra vaca que Andaua flora Apartada e som assj Çento e hũa per todos. It. acharõ depois hũ Almalho e sson Çento e dous.

It. Na egreja ha Estes ornamentos. It. hũ offiçal grande mjstico de canto e de leenda. It. hũ domingal e Santal Ambos velhos. It. dous ssalteiros hũ velho e outro novo e o novo ffeleçe hũ caderno e nõ he

¹ Na noticia dos immoveis que a ordem tinha no Alandroal encontra-se o seguinte:

«It. A cabeça do çentes ha chamã As ferrarias e ha ho Meestre de cada Apeiro que hj ste quando laurar cada domã çinco Arjellas de ferro de djzimo».

Encadernado. It. hũ caritinho de capitolar. It. hũ missal peno velho En que faz o ofício da missa da trindade e de ssante spritu e da cruz e dos Angios e dos Apostolos e outras orações. It. hũ liuro de baptizar e dencomendar velho Roto. It. tres vistimentas velhas conpridas e dous mantos festinaaes hũ Roto e ho outro são e os calezes e A cruz e o tribulo sson do cõçelho. It. duzentas quareenta e oito e meia Aciellas de ferro. It. hũ caldeira e dez e oito queijgos (?) e nove tauoas sarradiças. It. seis exadas e hũ quebrada. E logo o dito domingos ffortes se deu por Entrege perdante mjm scriuã de todas estas coussas suso ditas que lhi forã Entrege per o dito Corregedor. It. hũ Apejro de ffazer fferro cõ hũas tenhazes e cõ hũ picõ e cõ hũ martello de britar vea e lauanea de ferro. It. Regebeo de Joham Airas que foi moordomo do Meestre dom martim do Auelaal dez quarteiros e hũ meo Alqueiro de trigo e trinta Alqueiros de trigo podre de ffundo de coua o qual trigo he ia scrito na Recadaçõ de domingos fortes per mjm prior scriuã da Recepta e despesa. It. vinte e çjuco djas de Majo Era de mil e quatroçentos e dous Anos ffoj Gonçalo steuez Ao Castello do landroal pera veer As coussas que os juizes hĩ Acharom Aa morte do Meestre e As coussas som estas. It. hũ catormel cõ cruces uerdes de geebe uerde It. huũs sobre synaaes de geebe uermelho cõ cruces uerdes En campo de prata. It. hũas ssolhas cubertas de geebe uermelho. It. hũ Jubete cuberto de marromaque. It. tres pares de çapatos de ferro. It. dous pares desporas douradas de Roda. It. hũ par desporas douradas cõ cruces. It. duas beestas cõ dous çintos. It. hũas cabeçadas de canalõ cõ synaes de cruces. It. hũ brageiro dar-mas. It. hũa manta velha. It. hũ tapete velho de cojro. It. hũa luchia longa cõ scrituras. It. hũa Arca cõ duas ffechaduras. It. outra Arca que dixiã que Era do caluo das quaes Arcas Regebeo Domingos ffortes hũa pera teere El e o scriuã os dinheiros que Regeberẽ. It. ficou A Domingos fortes hũ stromento de como El Rej mandou tomar Ao meestre As Rendas de moura e de serpa e de beia e de vjla vjgossa e todalas outras coussas ficou a R^a. Airas A que as o dito Gonçalo Steuez mãdou que As Asoelhasse e gardasse cõmo se nõ perdesem. testemunhas (sic).

E logo no dito dja o dito Gonçalo steuez ffoj Ao castelo do dito logo e Achou hũa torre ffechada cõ hũ cadeado e perguntou A Roj Airas Alcayde do dito castelo se tñha chaue do dito cadeado e o dito Alcayde disse que a nõ tñha nõ na ouera nõ ssabia dela parte E logo o dito Gonçalo steuez pressente Eu dito tabeliom e as testemunhas A deante scritas mandou tñnar hũa Armela da dita porta per veer o que Esta na dita Torre e fforã Achadas dentro Estas coussas que se Adeante segem.

It. princiramente dez e oito capellos de fferro dalmazẽ. It. hũ bagnetete mellado. It. dous elmos velhos. It. quinze gorgejras. It. trinta

solhas dalmazê cada hũa deanteira e çaga. It. hũa scribeira ieneta. It. hũa Elmo de canalo de coiro. It. hũa messa velha. It. hũa tauoa longa. It. mjl e çem seetas dalmazê En duas qajyxas. It. hũas qajxas sen sen seetas. It. vinte e dous scudos. It. hũa çinto. It. dous Arcos de beestas quebrados. It. hũa collonha mourisca. It. hũa collonha de calaneira sem noz britada dũ cabo na cassa da noz.

It. duzentas E çincoenta Açiellas de fferro mendo mazcabado e dez graaos o qual fferro logo o dito Gonçalo steuez Entregou A Domingos Fortes moordomo no dito logo. It. no Alpender do Almazê hũa Arca de uerga chea de viras dalmazê dellas cõ fferros e delas sã fferros. It. hũa coucho longo cheo de viras e mandou o dito Gonçalo Steuez ao Alcayde que o meta na dita torre do Almazê. It. duas Arcas cheas descreturas e fez lhj o dito Gonçalo Steuez lançar chapas de ferro e ficarã çarradas cõ As ditas chapas En a dita torre e mandou Ao dito Alcayde que as vjse En gissa que nã chouua en Ellas As quaes coussas que assi fforã Achadas no dito castello todas fficarã En poder do dito Alcayde ssaluo o dito ferro que o dito Domingos ffortes leuou. It. hũa cortiço cheo dalgodom e pesou o dito Algodom xx ARataes e meo o qual o dito Corregedor Entregou Ao dito Domingos fortes.

Jurumenha

Outrossj En Affonso monjz vy e lj hũa scritura En o dito ljuro de Gonçalo Steuez feita e Asynada per maõ daffonso martinz tabeliom En juromenha dos bees que A ordem haaja En Juromenha que tal he. It. ffoj Entregue A pedro Affonso moordomo seis Alqueires e dous pucaros e meo dazejto. It. Reçebeo o dito pedro Affonso de Gonçalo martinz presente mj Afonso martinz scriuã saseenta e cinco Mojos e hũa quartoiro e meo Alqueire de trigo. It. En outra parte Reçebeo hũa Mojo de trigo que foi Achado que ouue de Rabeiras das Eiras da ordem que dizia o dito Gonçalo Martinz que Auia dauz o qual trigo o dito Gonçalo Steuez Achou que nã Auja por que o Auer ca o nã Auia os proueedores dante El.

It. En o dito dya Reçebeo o dito proueedor do dito Gonçalo martinz presente o dito Gonçalo Steuez quareenta e nove Mojos e dous quartoiros e meo Alqueire de çeuada. It. En o dito (sic) Reçebeo o dito Pero Affonso do dito Gonçalo martynz dez e seis Mojos e hũa quartoiro e hũa Alqueire e meo de çenteo. It. vinte e çinco Alqueires de mjlho. E este pã he deste ano que o dito Gonçalo martjnz ffoj moordomo de Juromenha o qual pã he de quinze Alqueires o quartoiro. It. Reçebeo o dito Pedro Affonso de pam velho dora a hũa Ano que Escouou En

Juromenha Pero de Muel primeiramente hũa coua cheia de çeuada velha na qual iazia hũ Aluara que contava que iazia na dita coua dez e sete Moios e dous quarteiros e hũ meo Alqueire. Coua he da capella que iaz na Rua direita Apar de os paços de Martim Gomez. It. Ily foj Entrege Ao dito pedro Affonso Outra coua cheia de çeuada. A qual coua he de Martim Gomez na qual coua iazia hũ Aluara que contava que iazia na dita coua vinte Moios e vinte e tres Alqueires de çeuada.

It. Ily foj Entrege outra coua que he da ordem que iaz dentro no lagar que foj do vinho cheia de çeuada na qual iazia hũ Aluara que cõtava que iazia na dita coua dez Mojos de pã e vinte e tres alqueires de çeuada. It. Ily foj Entrege outra coua que he da Ordem cheia de çeuada A par de o Açouge Em que iazia hũ Aluara que contava que iazia na dita coua dez e sete Mojos e quareenta Alqueires de çeuada. It. Ily foj Entrege outra coua que he da ordem cheia de Çenteo En que iazia hũ Aluara que contava que iazia na dita Coua nove Mojos e hũ quarteiro e oito Alqueires de çenteo A qual coua iaz junta com as cassas que fforã de Johan Airas que he daffonso Lourenço. It. Ily forã Entreges per mjdjda Çincoenta e seis Alqueires de çenteo velho que iazia En hũa coua dante cas Vasco Lourenço.

It. Ily fforã Entreges per mjdjda tres Mojos e dous quarteiros de çeuada que iazia dentro na coua de so a calçada do castello que he da ordem. It. Ily fforã Entreges dez quarteiros de mjlho per mjdjda velho que iazia En hũa coua da ordem de so a calçada.

It. ffoj Entrege o dito pedro Affonso de tres Anos (*sic*) cõ suas Albardas novas e tres cjalhas velhas. It. de dez fferros darado velhas e duas Roçadojras e quatro exadões velhos. It. tres cjaxadas boas e hũa traado e hũa malho grande e huũ pequeno. It. dojto ffojces de ssegur pã e de dous temceiros boos de quatro loros. It. doutros dous temceiros velhos E nove cojundas boas husadas. It. dous Almadragues hũ de laã Roto e o outro Roto de concertos. It. dua caldeira boa boa sua mejaa e dũa manta viaruço husada.

It. foj Entrege de nove bojs darado e En outra parte dũ coiro dũ boi que morreo. It. foj Entrege o dito pedro Affonso dua cadeia grossa de prisoes de vinte e tres fluzies cõ sua Argola e de duas Adouas cõ seus Ellos. It. de çinco colares de garganta e os tres leuã ffozies e os dous nõ.

It. de quatro trebelhos cõ seus ffozies E hũ tpeo (?) de pãao.

Estas som As Armas que Gonçalo Steuez Achou Em o castello que ficarõ Em poder de Gonçalo Martinz Alcajde primeiramente duas solhas velhas. It. dez e nove gorgeiras de solhas. It. dous capellos de ferro. It. dous cãbajsses. It. quatro scudos. It. tres caxxas de seetas.

It. quatro çjatos e hũ nõ tem cambho. It. hũa taalha vazia pera teer azeite. It. hũ torno pera armar beesta cõ dous cãbhos de ferro. It. lhj ficou Ao Alcajde hũ chumaço Roto velho de lãa. It. ffoi cõfessado per o dito Gonçalo Martinz que Regebera quatorze bois dos quaes entregou a Pedro Affonso os ditos nove bois que ia vãa scritos e Recadaço E que morrerõ En seu poder os cinco dos quaes ia deu hũ cojro Ao dito pedro Affonso que ia vaj En Recadaço do dito pedro Affonso E outro ffoi feito e cajũdas e temoeiros As quaes cajũdas e temoeiros ia vãa scritas Ao dito pedro Affonso En sua Recadaço e os dous coiros iazẽ En pelomẽ pera solas dos quaes se deu por Entrege o dito pedro Affonso E outro coiro foj vendudo por o dito Gonçalo Martinz que lhi ia foj posto En Recadaçom na conta que lhj o dito Gonçalo Steuez ffilhou cõ outra Recadaço. It. o dito Gonçalo Steuez Achou que Auja En A egreja de Juromenha Estes liuros que se segẽ os quaes tijaha scritos sobre sj o procurador do concelho que he pera dar delles Recadaço Ao moestre e Ao concelho primeiramente hũ liuro de baptizar. It. hũ liuro do corpo de deus. It. hũ ljuro mjsal. It. hũ liuro parseiro. It. hũ caderno de canto velho. It. hũ ljuro domingal. It. hũ liuro santal. It. dous ssalteiros. It. hũ salteiro velho pequeno As quaes cousas ssobre ditas contehudas En Este caderno Eu Affonso martinz tabeliom e scriuã na dita vjla scriui e foi presente A todo e ffiz Aqui meu synal.

It. Entregou o dito Gonçalo Steuez A Joham loução Almozariffe do castello de Juromenha pressente mj dito tabeliom e scriuam Estas coussas que se segẽ que tinha En ssen poder Gonçalo martinz Alcaide. It. duas cadeas de pariola cõ quatro Argolas. It. outra cadea cõ que Alcã os cantos grossa. It. hũa lauanga grande e duas pequenas. It. hũa marra. It. hũa Cunha e dous seouparos e hũa maçeta. It. Çjuco picões e quatro cãmartees. It. hũa sachola e outra meia de sachola. It. hũa colhar e hũa lima todo esto susso dito he de ferro. It. hũa serra bragal grande e hũa ffolha de serra britada E hũ calaure groso pera Engenho e en suso dito tabeliom Esto scriuj e ffoj presente.

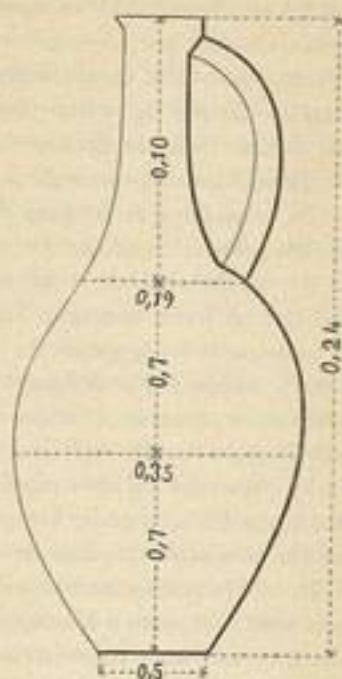
PEDRO A. DE AZEVEDO.

Vasilha antiga

Em setembro de 1896, numa excavação a que se procedeu na freguesia de *Eiriz*, concelho de Paços de Ferreira, foram encontradas bastantes vasilhas, a maior parte das quaes foram despedaçadas, já casualmente pelo alvião dos trabalhadores, já propositadamente com

a mira no *euro*, que deveriam conter, ou em que se transformaria o barro de que eram feitas. Os *Mouros* eram peritos na arte de *encantar* o precioso metal, afirma sem sombra de dúvida o nosso povo.

Graças á obsequiosidade do meu collega Rev. Bento Bravo, abade de Codeços, pude obter uma das vasilhas para o musen da Sociedade Martins Sarmento. É feita de formoso barro vermelho, muito lisa a pasta; não tem ornatos alguns, e tem as dimensões, que vão indicadas no modelo junto.



Algumas outras vasilhas, que escaparam, de dimensões diversas, e os cacos das que foram quebradas, são conservados pelo achador, que espera que dentro de poucos dias será um Cresco.

A freguesia de *Eiriz* é situada nas proximidades da conhecida *Citania de Roriz*.

OLIVEIRA GUIMARÃES.

*A todo amor natural se ha de preferir o da patria, e quem teve outra cousa por mais querida e estimada, errou como ingrato».

FR. AMADOR ABRAIZ, *Dialogos*, II, fl. 110, ed. de 1604.

Extractos archeologicos
das «Memorias parochiaes de 1758»

465. S. Simão de Azelão (Estremadura)¹

Pedra extraordinaria

«Junta a Aldea de Villa frexe esta hum lago pequeno de agoa que chamão o rio de Sam Simão que continuamente está crescendo nelle grande abundancia de agoa com que se regão repartidamente por horas oito quintas, cujo lago ou xarco tem pouca altura e hũa pedra no meyo, que dizem alguns vedores de agoa que se lha quebrasem ou tirasem seria tanta a agoa que se alagaria todo Azeytão e cada Aldea tem junto a si sua fonte de agoas muito finas de que se uteliza». (Tomo XXXV, fl. 1291).

466. Sindim (Beira)

Reliquia de S. Brás. — Castello de D. Thordem

«Ha sim hum grande concurso de gente de varios povos em dia de Sam Braz que vem a Igreja Matriz a venerar huma reliquia do mesmo Santo. . . . E nos mais dos dias do anno concorre munta gente ou ferida de animaes damnados e muntas pessoas com grandes feridas a tocar a santa reliquia e outras com receyo de tam venenozo achaque e nam consta, nem ha tradição de que pessoa alguma que viesse tocar a santa reliquia por mais ferida que viesse, tivesse periguo algum sem a applicação de outro algum remedio e da mesma sorte trazem a santa reliquia os guados e toda a casta de animaes domesticos ao adro desta Igreja ou feridos ou com o receyo de se lhe danarem e fazendosse porassião como se custuma ao redor da Igreja lançandosse a benção com o dito cofre aos animaes se lhe segue o mesmo effeyto e tocandosse pão no dito cofre como se custuma pera comerem os feridos ou receyosos de tal achaque sem outra alguma bençam fica incorretivel, e eu já tive hum pam tocado na Santa reliquia dous annos sem currussão alguma, nem demonstração de a vir a ter. Tambem todas as molheres oprimidas com dores de parto mandando avizo e fazendosse porassião com a Santa reliquia ao redor da Igreja infalivel e incontinnente se segue o parto da criança ou viva ou morta, sem que tenha havido exemplo em contrario, o que tudo eu tenho prezenciado no es-

¹ N-O Arch. Port., III, veiu publicado um desenvolvido estudo sobre Azelão.

paço de trinta e cinco annos que sou indigno Parocho desta Igreja». (Tomo xxxv, fl. 1303).

«No dito Lugar de Cabriz deste concelho e freguezia que está situado em huma Ladeyra que desse de hum monte, que se chama o Monte Verde abaixo do dito povo dous tiros de espingarda está hum iminente Rochedo subranceyro ao Rio Tavora, á no alto delle huma piquena planicie em a quoa ainda se divizão vestigios de algumas cazas e dos alicerces dos muros de hum Castello, da quoa he munto difficultoza a entrada e o tal castello he sem duvida que foy edificado por Dom Thedom e seu irmão Dom Rauzendo assendentes da Excellentissima Caza de Tavora como largamente consta da Chronica Sinterciencia, Livro terceiro, Capitullo doze, em que se descreve esta grande antiguidade e a batalha que os sobreditos tiverão no dito Rio Tavora com os Mouros rezidentes na villa de Paredes donde os expulsão». (Tomo xxxv, fl. 1305).

467. Sines (Alentejo)

Sepultura de S. Torpes

«Na foz desta Ribeira de Junqueyra que he na praya está a sepultura de São Torpes asignalada com huma crux etc»¹. (Tomo xxxv, fl. 1324).

468. Sobrado (Entre-Douro-e-Minho)

Memoria

«Ha nella hũa memoria ou memorial a que os moradores da terra, corrupto bocabollo, chamão marmoiral de comprimento de dez palmos a entrada da Quinta da Boavista com suas cruces abertas em pedras redondas nas cabesseyras onde dizem descansarão com o corpo da Raynha a Beata Mafalda, que trazião da Villa de Canavezes para o seu Real Mosteyro de Arouca de Religiozos da Ordem de Cister que dista desta villa duas Logoas». (Tomo xxxv, fl. 1379).

469. Sobreira Formosa (Estremadura)

Casa da Moura

«Porem se acha huma couza notavel em a Serra que chamão do Chão do galego que tem de comprimento hũa legoa sem largura con-

Cfr. *Religiões da Lusitania*, de Leite de Vasconcellos, 1, 21 e 23.

sideravel porque inda que em parte tinha alguma só tem colmeayas nella e he que he minada e furada the onde chamão o pego d'Almourão e por tradição antiga consta ser couxa de Mouros e que nelle havia hũa Moura encantada e tambem se ve nella inda hoje hum estrada de calçada obra dos mesmos Mouros, que sahe da Casa que chamão da Moura, que não he pequena e feita ao concavo em hum penha». (Tomo xxxv, fl. 1445).

470. Sobre-Tamega (Entre-Douro-e-Minho)

Banhos romanos

«Tem caza de banho que se fez á quinze annos e ao fabricar desta se acharão varias moedas de hum metal cor de ouro, que parecião bronze e algũas de cobre mais pequenas e hũa inscripção de muitas letras em hũa pedra que quebrarão e picarão os pedreiros pelas não entenderem e deste sitio ate Tamega se achão ainda hoje alguns ladrilhos de barro quadrados de palmo e meyo por modo de escada que decia para o dito rio, cujos vestigios mostrão o terem sido já frequentados e affirma-se seria do tempo dos Romanos por estes serem inclinados a banhos». (Tomo xxxv, fl. 1485),

471. Sortelha (Beira)

Faletes de saragosa

«Ha tambem na dita ribeira da Nave dous Pizões que servem para pizar o pano de saragossa e alguns moinhos de moer pão de centeyo e trigo e o mais que asima tenho dito e não ha mais engenhos, que os em que tenho fallado». (Tomo xxxv, fl. 1525).

472. Soutello (Entre-Douro-e-Minho)

Banhos de um convento. «Cidade de Milmandas». — Anta da Parochia

«Ha memorias que nos lemites desta freguesia entre ella e a freguesia da Lage houvera hũ Convento de Religiosos de S. Bento e será talvez o que dis o A. da Benedictina Lusitana que havia de Laga, que dezia mudar o ultimo *a* em *e* e dizer Lage. O citho aonde pairesse que seria ainda conserva o titulo de S. Mamede, cuja noticia se corrobora com ser parte de hũ prazo desta Igreja. O monte que fica mais perto desta freguesia he na freguesia de S. Martinho de Moure que chamão a Torre dos Mouros e fica quasi ao norte desta quasi distancia

de meya Legoa he monte não muy elevado e caminhando para o nascente acava entre S. Pedro de Esqueyros e S. Martinho de Travaços e para a parte do Norte tem bastantes declives ficando lhe nas faldas parte de Novegilde, S. Thiago de Carreiros e S. Miguel de Carreiros e no mays alto delle sobre Moure que lhe fica ao poente houve antigamente hũa Cidade que se chamava Milmandas e no meyo tinha hũa Torre que lhe deo a denominação de Torre dos Mouros que haverá 90 annos pouco mais ou menos que existindo inda a metade se desfêz para o Concerto da Ponte de Prado que de ahy se conduzio que distara da tal ponte tres 4.^{as} de legoa ainda se divizão tres cercas ou muralhas; cujos recintos não occupavão muito terreno mas ainda se vem vestigios de calçadas não só dentro, mas de fora em algũas partes deste monte para o nascente cahindo sobre Barbudo, se veem alguns vestigios de redutos de terra levantada. Ao pe do mesmo monte para a parte do sul ha pouco mais de vinte annos existia inda na mesma freguesia de Moure hũ tal ou qual recetaculo que poderia ser o cabido de algũa Igreja antiga de bayxo delle descubertos os contra ventos estava hũa Imagem de S.^{to} Antão Abbade que ha memorias o foi em hũ convento de monges Bentos, que houve no mesmo citio chamado de S.^{to} Antão ou S.^{to} Antoninho que dizem tinha 900 monges com Laus perenne continue de noute e de dia; de cujo convento se veem ainda hoje os vestigios, cujo citio he hoje hũa Quinta dos herdeiros do Dr. Manoel da Cunha e Faria, da cidade de Braga, o qual fes Capella ao mesmo S.^{to} Antão, desviada algũa cousa do mesmo citio para o que tirou varias pedras de hũ torreão antigo que nelle estava feito a modo de abobeda e cuberto de lageas toscas, pedra por laurar no citio aonde estava o santo que hoje esta na Igreja de Moure por os fregueses delle o não quererem deixar estar na capella, dizendo lhe pertence e não ao Snr. da Quinta; e ainda hoje vão clamores de varias freguesias ao citio onde estava o Santo que hé de muitos milagres e nos confins da lage havia hũa villa junto ao lugar de Agoella, de que não havia vestigio algũ existente.

Há nesta freguesia de Soutello hũa antiguidade no lugar da Cachada e bem a ser hũa pedra Redonda terá des on doze palmos de diametro, de grosura competente levantada da terra de altura athé seis palmos sobre sete pedras; cuja obra tosca custaria muito a duzentos homens polla asim, que mais parese seria asim obrado dentro da terra, e esta com a continuação dos tempos e das chuvas a poderia descobrir (chamasse a paranheira) cuja analogia bem condiz nesta Provincia, como vyo para que se applicava; servia não sey se de bayxo se em cima de queimar em sacrificio os frutos como Abel porque depois de terem

dizimado dos frutos que lhe ficavão tomando algũa parte lhe punhão fogo e o fumo que dally sahia se observava que subindo direito para o ceo achavão tinhão dizimado bem e se o fumo se afastava para os lados entendião tinhão dizimado mal e tornavão a dizimar. O vulgo entende que he algũa Moura encantada e que existe de bayxo algũ tezouro e por vezes ha poucos annos lhe tem cavado de bayxo para ver se descobrem a mina. Caberão com aperto de bayxo della des homens». (Tomo XXXV, fl. 1548 e segg.).

473. Soutello (Trás-os-Montes)

Restos de um palácio

«No arrabalde do Passo atras expressado se descobrem as paredes antigas de hũa grande caza, cuja porta da entrada se reconhece em hum Arco de mediana altura de pedra bem labrada e toda a mais pedraria hé tosca mas bem asente, dentro destas paredes ha outra pella mesma Architectura e no cima de hua porta de padeeyra larga, se diviza hũa pedra de Armas mal aberta pella sua munta antiguidade com hum escudo e dentro delle cinco chaves não ha tradição certa da sua origem e por hisso hoje se acha abitado de alguns moradores e pella parte de fora para a parte do Nascente tem hua fonte subterranea de pedra mal labrada». (Tomo XXXV, fl. 1564)

«Há no destrito deste Lugar adonde chamão ao Val da palla, hum padrão de pedra tosca sobre dois degraos de pedra da mesma coallidade e neste mesmo sitio se devida o caminho que vem de chaves para o arrabalde chamado Lomarinho e deste para o lugar de Saravelha. Tambem há na entrada deste lugar de Soutello hum cruzeyro e no cima delle hũa volta esferica com hua crus; e no Arrabalde de Lomarinho, outro de feytio tosco, com hua crus em cima». (Tomo XXXV, fl. 1565).

474. Susões (Trás-os-Montes)

Vestigios dos Mouros

«Em os lemites desta freguezia ha hum Braço de Serra que nace da Serra do Aluam e Maram e neste sittio se costuma chamar por huns a Serra de Santa Comba e por outros a Serra do Rei Orellham, consta ser antigamente abittada de Mouros e ainda nella se acham alguns vestigios de que abittaram nella como sam algumas paredes demolidas sobre huma fraga bem alta a que chamam a fraga do Araste que sua altura fica virada ó Norte». (Tomo XXXV, fl. 1729).

475. Tabaçó (Entre-Douro-e-Minho)

Relíquias

«Somente havia nesta Igreja certas reliquias ou Reliquia, com que a enriqueceo Pedro Bispo de Tui dedicando-a ou benzendo-a, como prezumo no anno de 1239 com o título de S. Chrystovão. Trelado o que acho no tombo desta Igreja: No anno de 1604 mandei eu Fernão Roiz Abbade desta Igreja de Tavaçoo derrubar esta dita Igreja, e mudei para o vendaval tanto quanto era a largura da Igreja, e fis de novo á minha custa, somente os fregueses concertarão o Telhado. Havia fama que no altar maior avião reliquias, o qual eu mandei desfazer, no qual dentro achei certas reliquias em 12 embrulhos de tafetá .ss. ossos, cabellos e huns escritos de que santos erão. Mais achei hum breve escrito, cuja letra he a seguinte o anno de 1239: Petrus Episcopus Tadiensis hanc Ecclesiam in honorem Sancti Chrystophori anno de 1239. E não disse mais o dito escrito. Está no dito altar maior, como estava.—*Fernão Roiz.*

Agora eu não achei mays que huns destrossos deste Thesouro, que era estimavel, a saber hum reliquiario quebrado, e hũ vidro, que mostrava as reliquias apartado do seu lugar, e tambem quebrados». (Tomo XXXVI, fl. 2).

476. Taboado (Entre-Douro-e-Minho)

Torres

«Acham se nesta terra duas Torres antigas huma na Aldea de Novois que he dos Montenegros, outra na Aldea da Peima do fidalgo Antonio de Vasconcellos; e se acham ao prezente sem ruina». (Tomo XXXVI, fl. 22).

477. Tojal (Estremadura)

Pedacos de pedra para curar doenças

«Herão tantos os milagres e tão continuas as maravilhas que Deos obraua pelos merecimentos de seus santos na dita Irmida (*de S. Sebastião*) que lenados da Deuoção os romeiros e vezinhos leuamão pedacos da pedra da mesma imagem que deitando-os em agua e dando-a aos doentes logo miraculozamente se curavão dando graças ao Senhor e louvores a seu santo e com este zello todo se levou pouco a pouco a primeira Imagem sem que della ficasse cousa alguma». (Tomo XXXVI, fl. 60).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Machados de pedra

Por certas razões particulares tenho deixado, ha alguns annos, de escrever sobre archeologia de Trás-os-Montes.

Hoje, porém, em virtude de um artigo do Sr. Dr. Henrique Botelho, inserto ultimamente n-*O Archeologo Português*, sou obrigado a escrever uma nota sobre o apparecimento, no sul do districto de Bragança, d'estes raros e preciosos instrumentos.

Ha seis annos, pouco mais ou menos, pedin-me o meu amigo e collega P.^o Adriano Guerra, então director do «Collegio de Moncorvo», algumas antigualhas para offerter ao Ex.^{ma} Sr. Henrique Botelho, distincto amator da nossa archeologia.

Como nessa occasião eu já tinha cedido algumas ao Museu Ethnologico Português, possuia então só na minha collecção o machado mencionado n-*O Arch. Port.*, VII, 152, isto é, um machado encontrado em Maiores, d'este concelho.

Para comprazer com o meu collega, procedi a trabalhos de exploração nos dolmens de Villarinho, concelho de Carrazeda de Ancilões, em numero de tres, estando ainda um em bom estado de conservação, cuja gravura já se mostra no Museu Municipal de Bragança.

Neste concelho da Carrazeda ainda se encontrou outro dolmen bem conservado, mas em ponto muito menor, em Zedes, proximo do solar dos Srs. Viscondes de Zedes.

Mas voltemos á exploração dos dolmens de Villarinho, por ser isso o objecto principal d'este humilde e modesto artigo.

Depois de algum trabalho com dois homens, só encontrei no maior os machados mencionados pelo Sr. Henrique Botelho sob o titulo: «Instrumentos da Lousa». Não me demorarei descrevendo estes instrumentos e o de Maiores, por, no referido artigo, estarem já descritos pelo prestimoso archeologo de Villa Real.

Estranhei muito que o meu collega P.^o Guerra não enviasse mais esclarecimentos ao seu amigo de Villa Real: devia tê-lo feito, se não fosse por espirito de gratidão, seria ao menos para maior desenvolvimento da sua proveniencia; mas entendeu não o fazer e estava no seu direito, assim como eu estou agora de fazer esta rectificação.

Para maior comprehensão dos dolmens de Villarinho e Zedes veja-se *O Arch. Port.*, I, 107 sqq., onde trato especialmente d'estes venerandos monumentos archeologicos.

Estes dolmens já tinham sido profanados, deixem-me assim dizer, em eras remotas por estupidos sonhadores de thesouros encantados,

e por isso não pude encontrar mais alguma coisa de valor, além dos machados erroneamente chamados da Lousa, pois foram encontrados no dolmen de Villariño, e não na Lousa.

Bem desejava eu reivindicar este achado para esta modesta aldeia da Lousa, terra da minha naturalidade; mas a verdade acima de tudo, e demais ella também possui as suas gloriosas tradições.

Ella pode apresentar com justo orgulho a sua antiga posição na Parada, o seu extinto convento trinitario, as suas bellezas naturaes, os seus machados de pedra, moedas antigas, etc.

Em occasião opportuna tratarei d'estas cousas n'*O Archeologo*, assim como escreverei um artigo sobre uma povoação romana encontrada por mim este anno em S. Christovam, termo d'esta freguesia de Carviães.

Em Maçores, minha antiga e saudosa abbadia, encontrei um machado de pedra de schisto, que mede cêrca de 0^m,30 e pésa 3^½! Rarissimo!

É pena estar bastante truncado na ponta; este objecto, assim como um cippo romano, uma figura antiga de pedra, e outros objectos, fazem actualmente parte do meu humilde museu.

Aos criticos mordazes do meu obscuro museu costumo eu responder com o seguinte axioma: *Ad angusta per angusta!*

Mas, falando ainda sobre machados de pedra, tenho de acrescentar mais o seguinte. São muito abundantes nos concelhos de Carrazeda de Ansiães, Moncorvo e Freixo de Espada-a-Cinta; eu já tenho possuido machados de diferentes freguesias d'estes tres concelhos e alguns d'elles de muito merecimento¹; já existem por meu intermedio especimes d'elles nos museus: Ethnologico, da Sociedade Martins Sarmiento e Municipal de Bragança.

Segundo me constou ha dias, o meu dedicado amigo Dr. Leite de Vasconcellos tenciona dentro em breve fazer uma excursão scientifica neste concelho para estudar os seus multiplos e interessantes monumentos do passado. Por minha parte desde já o felicito calorosamente pelo seu emprehendimento, offerecendo-lhe o meu fraco prestimo, como seu auxiliar nos trabalhos archeologicos. Bem vindo! A colheita será de veras abundante e variada; por cá encontrará vastissimos assuntos para as suas lucubrações intellectuaes, e eu serei, neste concelho, o seu agradecido cicerone, mostrando-lhe varios jazigos archeologicos.

¹ Por exemplo: um remettido no Museu Ethnologico, muito perfeito e de côres lindissimas.

Por ultimo peço ao Ex.^{mo} Sr. Henrique Botelho e P.^o Guerra que me desculpem, se acaso os melindre na minha rectificação; eu desde já declaro não ter em vista offendê-los, nem ao menos por sombra.

Com esta noticia, escrita *corrente calamo*, só tive em vista prestar homenagem á verdade dos factos e não desgostar homens illustrados, e amigos meus, como eu considero os mencionados cavalheiros.

Carviçães, 12 de Agosto de 1902.

Abb.^o JOSÉ AUGUSTO TAVARES.

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

(Apontamentos para o seu estudo)

Quem de Lisboa observar o horizonte ao sul do Tejo descobre no seu extremo a crista de uma serra, que se desenvolve de leste a oeste entre os dois velhos castellos de Palmella e Cezimbra, sendo dominada ao centro pelas penhascosas montanhas do Formosinho e Picoto da Arrabida.

Esta serie de montes prende-nos a attenção pelo bello e accidentado das suas fôrmas e sugere no nosso espirito o desejo de conhecer a sua origem e historia.

Deve-se em grande parte ao distincto geologo o Sr. Paulo Choffat, commissionado nos Trabalhos Geologicos de Portugal, o conhecimento dos terrenos do nosso pais.—Este illustre sabio tem com effeito produzido valiosissimas obras que nos podem orientar sobre a geohistoria do territorio portuguez.

Da leitura de alguns dos seus trabalhos e da observação que fiz no terreno pude concluir que toda a parte continental do horizonte que de Lisboa se descobre ao sul do Tejo não existia ainda acima do mar na epoca terciaria miocenica, e que a serra que limita ao longe esse horizonte estava a baixo do nivel do oceano.

O mar que então cobria o terreno que fôrma agora essas montanhas era viveiro de animaes marinhos taes como o *Carcharia megalodon*, a *Ostrea crassissima*, a *Ostrea crassicostata*, o *Pecten jacobus*, o *Clypeaster*, a *Scutella*, as *Turritella*, etc., cujos restos mortuarios se depositaram e deixaram de si memoria nos fosséis que actualmente se observam em profusão na parte que resta da camada miocena, que formava o fundo d'esse antigo oceano.

Devido ao successivo resfriamento e consequente contracção do planeta que habitamos, a crusta solidificada, que desde a esphera cen-

tral da terra ainda fluida chegava até o fundo d'esse mar, encarquilhou-se como a pelle de uma uva que se secca, a ponto de fazer saliências acima do oceano e formar uma elevada ilha, de que a actual Arrabida não é mais do que um vestigiô, comparavel aos restos de altivo e grandioso monumento a que as injurias do tempo não tivessem deixado senão pequenas porções das suas arruinadas paredes.

Com effeito, o solo que cobria essa ilha foi primitivamente todo formado pelo terreno que constituia o fundo do mar mioceno e formava sobre ella uma serie de altas abobadas, recobrando os terrenos secundarios mais antigos que com ella se tinham levantado, e envolvendo-a com algumas pregas em toda a sua extensão.

Porém, numa sequencia de seculos que a nossa imaginação mal pôde abranger, succedeu que as abundantes chuvas e outros agentes atmosfericos cavaram essas abobadas de tal maneira que puseram a descoberto as camadas secundarias mais antigas, e nestas mesmas as erosões foram tão grandes que abriram sulcos profundos que constituem hoje deliciosos valles.

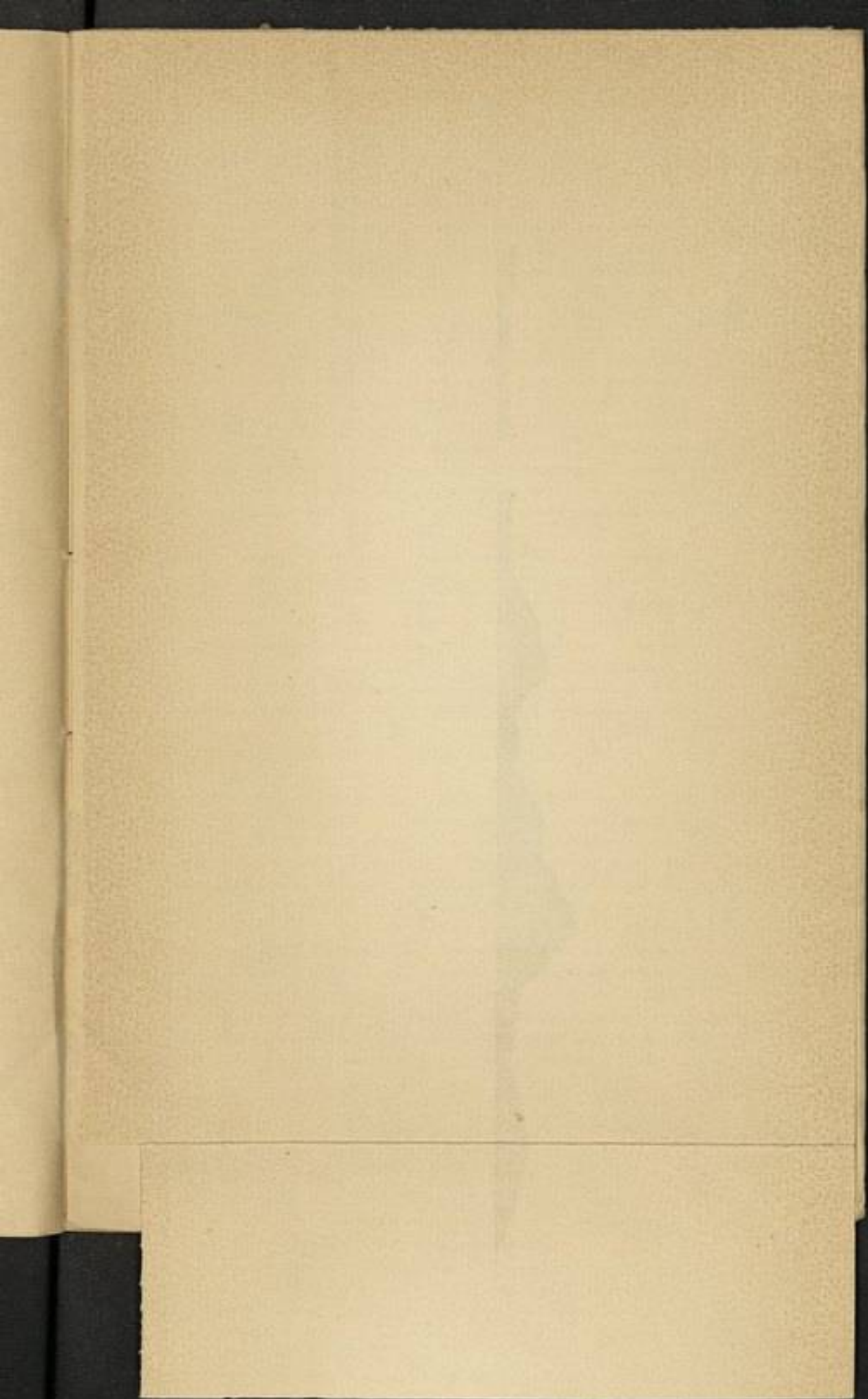
São estas camadas constituídas por calcareos jurassicos, assim desnudadas e cavadas, que vemos hoje de Lisboa alvejar sobre o dorso norte da Arrabida.

Os valles tem hoje os nomes de Picheleiro, Alcube, Barris, Gralh, etc., e são de aspecto tão pittoresco e encantador quanto se pôde imaginar.

A camada miocena, que formava a primitiva codea d'essa ilha, quasi desapareceu de todo, ficando apenas os seus vestigios nas pregas mais fundas d'esse continente, como se vê ainda na escarpa que vaé desde o Valtão, pela ermida de S. Luis, Casal da Lapa, Pena e Rotura até os Bonecos; ou no sopé da montanha que coincidia com a linha da costa que circundava a antiga ilha, como se pôde observar do lado sul pelos Bonecos, Brancanes, Sande, Albarquel, Recanto, Anicha e Santa Margarida, e pelo lado norte, desde Palmella, pela Quinta do Anjo, Azeitão, até á Foz na costa ao norte do Cabo Espichel.

O aspecto que hoje apresentam as rochas que constituem os restos d'essa camada miocena, e a sua collocação, fazem-nos lembrar os vestigios das abobadas de immensa cathedral cujos fechos tivessem caído e de que não restassem senão pequenas porções ainda ligadas aos encontros que as supportavam.

Não foram só as erosões atmosfericas que destruíram as camadas que envolviam a antiga ilha correspondente á serra da Arrabida. No periodo em que se levantou a ilha, as carquilhas eram nuns pontos tão salientes e as pregas tão fundas que umas vezes a camada supe-



SERRA DA ARRABIDA

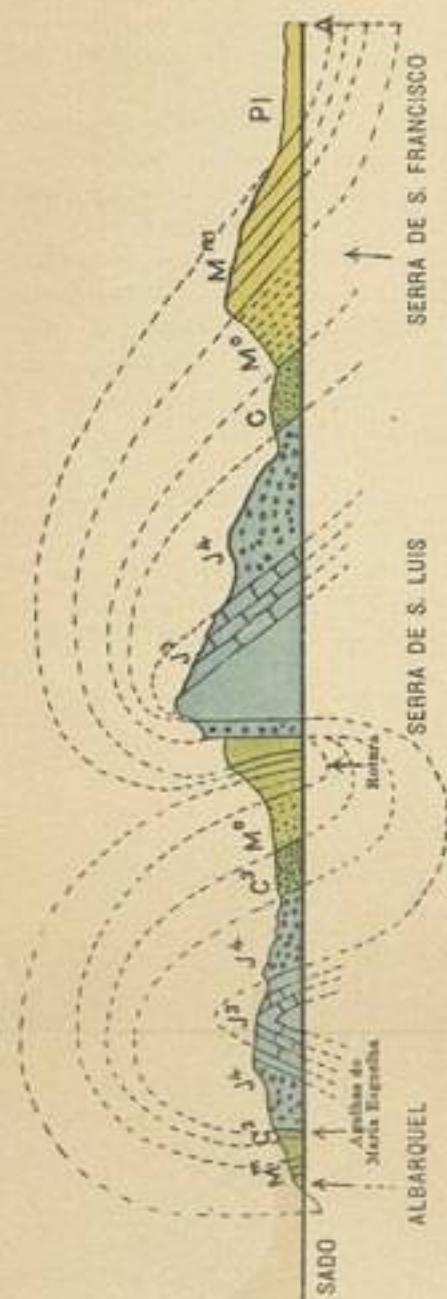


Fig. 1.ª

LEGENDA

- J¹ Jurássico inferior.
- J² Jurássico superior (conglomerado).
- C Cretaceo.
- M Mioceno.
- Mm Mioceno marinho.
- Pl Plioceno.

Escala $\frac{1}{50.000}$ (altura dupla).

Perfil esquemático do terreno da península da Arrabida supondo-se a secção feita na direcção SE. a NW. entre Almada e Albarquel. O perfil n.º 1 entre o Sado e o ponto A a NW. da Serra de S. Francisco, e que é feito segundo as indicações do Sr. Paul Choffat, está no mesmo plano que o perfil n.º 2 que vai do ponto B no Alfajio até Almada. Não se apresenta o desenho do perfil que faz os intervallos de 10 kilometros entre os pontos A e B das grelhas n.º 1 e 2 por não offerecer variedade.

rior esgarçava, como succedeu em S. Luis, Pena e Rotura, outras vezes as carquilhas ou dobras anticlinaes tombavam e desmoronavam-se á medida que se iam accentuando as dobras, como succedeu do lado meridional de Palmella e ainda em toda a encosta meridional da serra arrabidense, desde Albarquel pelos Galapos, Anicha e Santa Margarida até o cabo Espichel (fig. 1.^a).

I. Homem telerario

Qual seria a fauna e flora da ilha formada pela antiga montanha da Arrabida? Viveria já nessa ilha do tempo terciario algum ser intelligente, precursor do verdadeiro homem?

É difficil responder a estas perguntas, porque durante milhares de seculos foram continuando as erosões já referidas, e os terrenos escavados que poderiam guardar os restos dos seres que tinham povoado o solo da ilha lá iam arrastados pelas torrentes depositar-se no fundo do mar circumjacente e que por ser da epoca posterior á formação do mioceno se chama pliocenico.

O fundo d'esse mar tambem ulteriormente, por causa semelhante á da formação da montanha da Arrabida, se elevou acima do nivel do oceano, e, augmentando o continente e ligando-o á antiga ilha, transformou esta na peninsula arrabidense.

Os sedimentos do fundo d'esse mar, que agora formam todo o terreno pliocenico da região adjacente á Arrabida, são constituídos na sua maior parte por agglomerados de areias, pedaços de quartzo e ás vezes de schisto rolados, tudo mais ou menos ligado com argila ferruginosa, como vemos na costa do Alfeite, na escarpa das Fontainhas em Setúbal e nas trincheiras das estradas que d'esta cidade se dirigem para norte e leste.

Junto do sopé da montanha de Santo Antonio, a W. de Palmella, e na parte que corresponde á costa da antiga ilha, num pequeno golfo que ficava entre a dita montanha e os Bonecos, encontram-se ainda em abundancia pelas encostas da Boa-Vista, Capuchos e S. Romão, os pisolites, formados á maneira de confeitos pelo movimento de vae-vem continuo das ondas carregadas de saes de cal sobre as praias do mar pliocenico.

Se dos destroços dos seres vivos que habitavam a antiga ilha ainda restam vestigios, devem elles encontrar-se nas camadas do fundo d'esse mar pliocenico onde deviam ser espalhados pela acção das aguas.

Esse mar, porém, que circumdava a ilha era tão movimentado que boa parte dos elementos que formavam os conglomerados do seu fundo e que apparecem agora a descoberto, formando um continente plioce-

nico, pertencem a terrenos da Meseta¹ que ficam, os mais proximos, não obstante, a mais de 8 leguas de distancia da Arrabida. Assim nesse mar tudo se disseminava.

Este motivo seria já bastante para não apparecerem com frequencia nas camadas pliocenicicas adjacentes á Arrabida os fosseis dos seus antigos habitantes; mas, alem d'estas, outras causas muito mais ponderosas, com quanto ainda não determinadas, haviam por certo de fazer com que se dê o facto de no antigo fundo do mar pliocenico dos arredores de Setubal, agora elevado e formando continente, não se encontrar hoje nem um unico fossil ou vestigio de ser vivo, terrestre ou marinho.

Apesar d'isto, o nosso notabilissimo geologo e paleoethnologo Carlos Ribeiro encontrou em differentes pontos do terreno pliocenico, e nomeadamente no Moinho de Pau, junto do lugar onde é hoje a praça de touros em Setubal, bem como nos Moregos e na estrada de Aljesur, não fosseis, mas sílices, cujos talhes o mesmo sabio attribuiu a um ser intelligente.

Se aceitarmos esta asserção, seria este ser o representante do primeiro esboço do homem actual, o primitivo homem terciario; isto é, o ser intelligente mais antigo que estabelece a transição dos seres chamados irracionais para aquelle que, separando-se do resto da animalidade e relacionando os conhecimentos adquiridos pelos seus antepassados, chega a conhecer as leis do movimento do universo e a aproveitar esse movimento para satisfazer as suas aspirações sempre crescentes.

Nas differentes observações que tenho feito nas trincheiras abertas natural ou artificialmente nos terrenos pliocenicicos dos arredores de Setubal nunca encontrei objectos que apresentassem sinais que pudessem indicar a acção de um ser intelligente. No Moinho de Pau, onde o mesmo Carlos Ribeiro encontrou dois sílices a que attribuiu talhe intencional, encontrei effectivamente pedaços de pederneira (silex pyromacho) talhados intencionalmente, e por algum tempo estive em dúvida sobre a classificação do terreno onde os encontrei e que tão semelhante era ao pliocenico; porém uma observação mais detida do terreno levou-me a convicção de que estes pedaços de pederneira provinham de um terreno bem actual, pois que é um aterro artificial feito com areias pliocenicicas (o que deu lugar á dúvida) no cimo da collina onde se achava o Moinho de Pau e com o fim de elevar mais a altura do moinho.

¹ Os geologos chamam Meseta á parte da peninsula ibérica que já estava acima das aguas antes de começar a epocha secundaria.

Não conheço pois elemento algum, a não ser a respeitável opinião de Carlos Ribeiro, para que se possa afirmar a existência do homem terciário nos arredores de Setúbal; verdade é, também, que não se pôde afirmar a sua não-existência.

II. Homem quaternário paleolítico

Os terrenos quaternários dos arredores de Setúbal são os formados pelos alluviões depositados principalmente pelas aguas das chuvas sobre as depressões do solo da península arrabidense, já depois do mar pliocénico se ter retirado pela elevação do seu fundo. Formam esses terrenos, constituídos pelas terras das encostas dos montes vizinhos, uma camada pouco espessa de alluviões que preenchem o fundo das grutas e dos valles.

Estes terrenos estão-se formando ainda hoje; mas como durante a sua formação tem havido grandes variações no clima, dando isso lugar a grandes diferenças na fauna e flora de cada região, pertencem a dois periodos: a) o quaternário propriamente dito ou paleolítico, caracterizado pela coexistência exclusiva de certos animais e pela industria do homem, que só fabricava instrumentos de pedra lascada; b) e o actual, caracterizado pela ausência de certo numero de animais da epocha paleolítica e pela industria do homem, que começou por fabricar instrumentos de pedra polida, e, depois de ter descoberto e utilizado successivamente o bronze e o ferro, chegou posteriormente a servir-se do alfabeto e agora da electricidade como elementos mais importantes do seu poder.

A afirmação de que um terreno é da epocha paleolítica não é pois segura senão quando apparecem no seio d'esse terreno restos de animais contemporaneos que concorreram para a sua formação e cujas especies taes como o *Rhinocerus tichorhinus* e o urso das cavernas eram totalmente extinctos ou tinham emigrado para outras regiões na epocha da pedra polida (neolítica).

Estes terrenos paleolíticos também se acham chronologicamente classificados em epochas, conforme o clima e os animais dependentes d'elle.

É geralmente accete pelos palethnologos a classificação proposta por Gabriel Mortillet¹, segundo a qual o periodo paleolítico se subdivide em quatro epochas, a saber: a Chelleana, a Mosteriana, a Solutreana e a Magdaleniense.

¹ Vid. *Le Préhistorique*, pag. 22.

Os animais que caracterizam na Europa central cada uma d'estas idades são: na chelleana, em que havia um clima quente e humido, o urso das cavernas, que só se extinguiu na idade solutreana; na idade mosterense ou glaciaria, em que a temperatura desceu e a Europa se encheu de geleiras, os animais característicos são o *Rhinoceros tichorhinus* e o *mammoth* (*Elephas primigenius*), que desapareceram, o primeiro nesta mesma idade e o segundo na idade magdaleneana; na idade solutreana, em que a temperatura começou a subir, abunda o cavallo selvagem e a renna (*Cervus tarandus*); na idade magdaleneana a temperatura continua a subir e a tal grau, que a renna já não vive bem senão sobre os gelos, que permanecem no alto das montanhas e desaparecem de todo no periodo neolithico, emigrando para a zona frigida.

Os fósseis d'estes animais podem porém não caracterizar as mesmas epochas, tanto no centro como no sul da Europa; porque a differença de clima de uma para outra parte podia retardar ou antecipar a emigração ou extincção de determinada especie animal. Assim, sendo sempre o clima de Portugal mais quente que o da Europa central, podia ainda em Portugal existir o *Rhinoceros tichorhinus*, que foi encontrado no deposito inferior da gruta da Furninha em Peniche, quando o frio já tinha motivado o seu desaparecimento na França, extinguindo-se sómente depois em Portugal, quando o resfriamento sempre crescente obrigou este animal a emigrar de novo para o sul á procura de um clima africano mais quente e compativel com a sua vida.

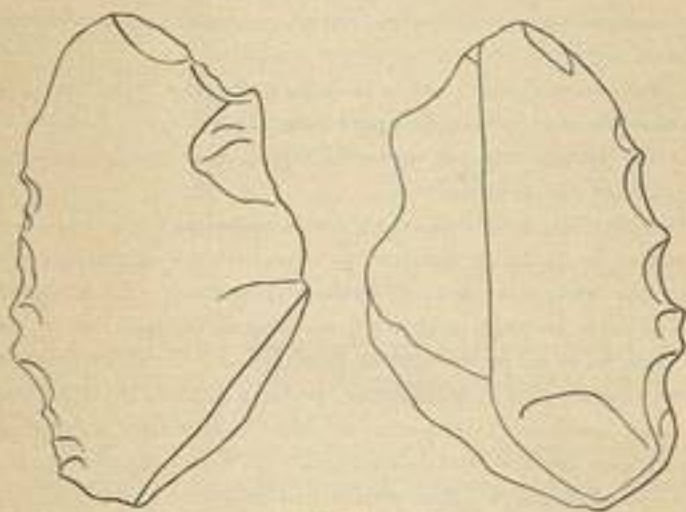
O inverso devia ter succedido com a renna, que, talvez fugindo ás picadas mortaes de algum insecto que passada a epocha das geleiras se desenvolveu pelo calor sempre crescente a partir da epocha solutreana, sairia da França a procurar nas geleiras do norte abrigo seguro contra o seu terrivel inimigo, muito mais tarde do que de Portugal, onde já de ha muito teria abandonado os ultimos reductos da sua defesa nos gelos restantes das mais altas montanhas do país.

Em Portugal foram encetados os estudos sobre o homem fossil pelos trabalhos de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e do Sr. Nery Delgado.

Todavia, por falta de investigações no país, ha ainda carencia de elementos sufficientes para se poderem classificar as epochas do terreno quaternario pelos seus fósseis.

Ao sul da peninsula da Arrabida, na serra que vae de Palmella ao Cabo Espichel, tanto junto do mar como entre as camadas calcareas das encostas e valles ha innumerables grutas; mas por falta de explorações nada se pode dizer a respeito do homem fossil que por ventura possa haver nessas cavidades.

Na ribanceira de um pequeno regato que vem de Pae Mouro desaguar no ribeiro de Algodeia, proximo de Setubal, e no lugar em que o dito regato passa ao N. dos Combrus, colhi um objecto de silex (fig. 2.^a) coberto de patina e com todos os caracteristicos de instrumento paleolithico. Effectivamente este objecto de fôrma triangular, apresenta numa das faces um conchoide de percussão, terminado num bordo dentado com visivel intencionalidade, e na outra face tem diferentes retoques. O instrumento parece ter-se partido muito depois de ter servido, separando-se um fragmento correspondente ao plano de percussão do seu fabrico, e de que ainda resta parte. É provavel que fosse destinado a furar e a raspar.

Fig. 2.^a

Na ribanceira porém não encontrei fossil algum, e por isso julgo que tanto pôde este instrumento ser da epoca dos gelos ou mosterrena, em que principalmente se fabricavam instrumentos semelhantes a este para raspar interiormente e furar as peles que serviam de vestuario contra o frio, como da epoca neolithica em que nada nos impede de admittirmos que se podiam fabricar alguns com as fôrmas usadas em tempos anteriores.

III. Homem prehistorico actual

O periodo prehistorico actual comprehende duas idades que, por sua ordem, são a *neolithica* ou da pedra polida, tambem chamada robenhouseana, e a *neomegalithica* ou do bronze.

Se faltam documentos para comprovar a existência do homem na península arrabidense, tanto na idade terciária como no período quaternário paleolítico, outro tanto se não pôde dizer com respeito ao homem no período pré-histórico actual.

Nos arredores de Setúbal abundam os vestígios do homem nas duas épocas d'este período.

a) Idade neolítica

Na idade neolítica já havia na península da Arrabida população bastante considerável. Não é isto de admirar em região tão propícia á vida do homem, neste paraíso terrestre situado no cabo do mundo, como com verdade lhe chamou o grande poeta dinamarquês Andersen.

Effectivamente onde melhor poderia levar a existência e supportar as agruras da vida o homem, quando ainda, no dizer de Lucrecio, as suas únicas armas eram as mãos, as unhas, os dentes, as pedras e os paus partidos das arvores?

Não tinha ainda o homem um único instrumento de metal que lhe assegurasse de qualquer maneira a victoria contra os grandes animais, ou com que afeiçoasse bem as juntas da madeira para a construção de barcos onde ao longe pudesse ir afrontar as ondas e colher o melhor peixe; mas na costa meridional da península da Arrabida, banhada por um mar sempre azul e scintillante, poderia encontrar constantemente sobre a alvissima areia das praias ou entre as agulhas e fragas das ribas os appetitosos molluscos e outros mariscos que com afan iria colher para a sua alimentação. Nos pittorescos valles do Picheleiro, Gralhal, Alcubê, Barris, etc., poderia pastorear os seus rebanhos; sobre os penhascos das collinas edificaria as suas habitações fortificadas e os seus castros; poderia cultivar as varzeas, como a do Bomfim, hoje coberta de laranjaes; e nas lapas abertas nas rochas guardaria religiosamente os restos dos que passavam á eternidade.

Ainda hoje se encontram, em muitos pontos da península da Arrabida, vestígios mais ou menos accentuados da acção dos homens neolíticos: e apraz-nos ver as ossadas d'esses nossos antepassados, ou tocar nos objectos que, afeiçoados pelas suas mãos ha mais de seis mil annos, muito antes de tudo aquillo de que a historia falla, nos servem agora de testemunhas authenticas e desinteressadas das manifestações dos seus sentimentos, das scenas mais intimas da familia ou dos actos mais sollemnes da sua vida pública.

(Continúa).

A. J. MARQUES DA COSTA.

Noticias várias

1. A inscripção de Titus Carro

N-*O Arch. Port.*, v, 172, foi publicada a seguinte inscripção, que está no Museu de Evora, gravada em tijolo:



A proposito d'esta inscripção transcrevo para aqui o que se lê na *Notizie degli scavi di antichità*, Roma 1899, p. 106:

«Certo Luciano Romano in un suo predio in contrada Pratelle o Colle S. Lucia, ove si pone la *mensio* denominada *Pitium* nella via che da Alba tendeva ad *Interocrenum* (C. I. L., IX, p. 412) e dove nel marzo 1893 si scoprì un sepolero ed altri avanzi d'antichità (v. *Notizie*, 1893, p. 241), rinvenne, tra rottami di fabbriche, un grosso mattone di creta giallastra, lungo m. 0,23, largo m. 0,10, ed alto m. 0,06. Nel mezzo vi è un bollo rettangolare profondo che, in lettere incavate, reca la seguente leggenda:

T - CARR.

Não só a inscripção é a mesma¹, mas o proprio tijolo é igual, ou quasi igual,—o que resulta da comparação das medidas dadas a cima com as que se deram n-*O Archeologo*.

D'isto se vê que o pequeno monumento archeologico de Evora vein da Italia pelo commercio, certamente já na epoca romana, como tantos outros congeneres.

2. Museu de Moncorvo

O projecto da fundação de um Museu em Moncorvo (vid. *O Arch. Port.*, I, 175) parece que vai por deante, segundo o que se lê na *Torre de Moncorvo*, de 2 de Novembro de 1902, em artigo firmado pelo nosso dedicado collaborador e amigo Rev. Abbade J. A. Tavares.

N-*O Transmontano*, de 13 de Novembro de 1902, leio tambem o seguinte: «Fomos sempre de accôrdo com a civilizadora ideia da fundação de um Museu Municipal, em Moncorvo. Mas é necessario accentuar bem que a sua criação é da exclusiva iniciativa do nosso chefe poli-

¹ Foi o Sr. Professor Dr. H. Dessau quem me chamou a attenção para esta coincidência.

tico, que de ha muito tem pugnado por que ella se torne effectiva. Ao partido regenerador, pois, sem cooperação alguma do partido adverso, se ha de attribuir a fundação de tão importante estabelecimento. É necessario, todavia, que, aberto elle, todos cooperem para esta obra de engrandecimento local, arredando meras conveniencias pessoais e fatuas arrogancias politicas. Assim, sim». — O que é necessario é que, antes mesmo de fundado o Museu, não se faça já politica por causa d'elle. Ao menos deixem os politicos a sciencia em paz! Quando se trata de um melhoramento d'estes, não deve haver gregos nem troianos, e sómente deve haver patriotas.

3. Mosaico de Alcobaça

A proposito do artigo publicado n-*O Arch. Port.*, VII, 146 e 149, sobre o mosaico de Alcobaça, diz-me, em carta de 13 de Agosto de 1902, o Sr. A. Héron de Villefosse, director da secção de archeologia grega e romana do Museu do Louvre, e um dos mais notaveis archeologos francezes, o seguinte, que tomo a liberdade de transcrever:

«Vous avez bien raison de réclamer la conservation de la mosaïque de Alcobaça. Les mosaïques romaines sont des œuvres très précieuses: notre Académie a pensé à en publier le *Corpus*; ce serait un travail on ne peut plus utile».

Estas palavras do sabio professor de Paris confirmam o que n-*O Archeologo* se havia ponderado; e por isso folgo de as reproduzir aqui.

Como complemento da noticia dada a respeito do mosaico de Alcobaça, acrescentarei que, não havendo sido possivel pôr-se em pratica a opinião emittida n-*O Arch. Port.*, loc. laud., pag. 147-148, resolveu a direcção do Museu Ethnologico adquirir o referido mosaico, o que já conseguiu, procedendo-se na occasião presente ao arrancamento do mesmo e seu transporte para Belem, onde o Museu está installado. Assim se salvou esta preciosidade archeologica, que estava arriscada a perder-se,—e irremediavelmente se perderia! o nosso pais, já tão desacreditado perante os estrangeiros, evitou d'este modo mais uma vergonha nacional.

Outras antiguidades se tem descoberto em torno do mosaico, segundo o que no citado artigo, pag. 148, se previa.

4. Balneario romano de Canaveses

Em carta de 28 de Agosto de 1902 diz-me um amigo que nas Caldas de Canaveses, concelho do Marco, se descobriu um balneario romano,

que foi logo destruído, restando apenas no sítio fragmentos de telhas de rebordo, tijolos, pedaços de cimento das piscinas destróçadas, e outras meudezas.

5. Antighalhas de Monção

a) *Castello dos Milagres e Cova da Moura.*

N-O Norte, do Porto, de 1 de Outubro de 1902, lê-se:

«Investigações archeologicas.—Realizou-se ha dias a primeira expedição investigadora ao local conhecido por «Cova», «Penedo» ou «Castello da Moura», nos Milagres, concelho de Monção, onde existem vestigios da dominação romana. Esses vestigios foram confirmados por novos descobrimentos, de tijolos romanos e diversos outros objectos da velha olaria caracteristicamente de fabricação romana. A commissão encetou a abertura da gruta, que se suppõe ser o inicio de passagem subterranea que parece ter ali existido, estudando a configuração e desenhos das rochas, numa das quaes se vêem excavações artificiaes. Foram recolhidos os objectos encontrados de maior valor, que vão ser remettidos aos cultores da especialidade, e seguir-se-ha brevemente a continuação dos trabalhos. Tomaram parte nestas investigações o architecto italiano, residente nesta cidade, Sr. Michelangelo, e os Srs. Dr. Adriano Maria Cerqueira Machado, José Maria Cerqueira Machado, Dr. Antonio de Pinho, Diocleciano Ribeiro Torres, P.^a Simão de Abreu e Mello, e Luis da Rocha Torres».

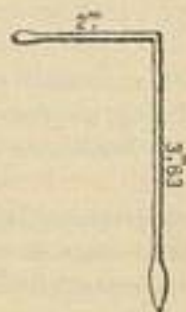
Para ampliação d'esta noticia, transcrevo para aqui parte de uma carta que o Sr. Diocleciano Torres, um dos cavalheiros de quem a cima se falla, me escreveu em 4 de Outubro de 1902, em resposta a outra minha:

«É certo que promovi umas pesquisas na penedia da Cova da Moura. Em todos os sitios em que havia sinaes de entulhos mandei fazer regos até o terreno natural: appareceram differentes tijolos grossos muito fraccionados, e alguns pequenos cacos de toscos vasos, mas de pouca importancia; o nosso maior trabalho foi a abertura de um buraco que dizem ir dar a uma cavidade no interior do monte. Com luz de acetylena illuminámos a entrada, e fizemos uma perfuração na distancia de 12 metros; foi na nossa companhia um italiano, professor no Porto, que casualmente aqui se achava, e que me disse ser natural que aquella seja a entrada de uma grande gruta, pelo que tencionamos continuar as escavações».

Antes de se realizar a exploração mencionada, tinha eu estado na villa de Monção e travado relações com o Sr. Diocleciano Torres, que foi quem primeiro me fallou do Castello dos Milagres, instigando-me a ir visitá-lo. Effectivamente fui lá em 23 de Agosto de 1902. O Sr. Torres não pôde ir comigo, mas foi em minha companhia o Sr. Dr. Luis José Dias, deputado da nação e prior de Santa Catharina em Lisboa, o qual a esse tempo se achava em Monção, terra, como creio, da sua naturalidade. Copio para aqui as notas que por ocasião d'essa excursão archeologica ao Castello dos Milagres tomei na minha carteira; vão informes, taes quaes as escrevi então.

O Castello fica ao pé do logar dos *Milagres*, de que toma o nome.

Num penedo ha uma serie de pequenas excavações de 0^m,1 de diametro: diz o povo que são as *pêgadinhãs* de S. Tiago, que subiu por aqui atrás dos Mouros. No cimo do monte está a *Croada*¹; coroa com penedos naturaes. Pelo meio do monte encontram-se penedos com excavações artificiaes (rectangulares, umas grandes outras pequenas; lado de uma: 0^m,15); e um, com vestigio de escadas. Pelo chão apparecem muitos fragmentos de telha grossa (talvez de imbrices) de character romano, e igualmente fragmentos de tegulas. Em muitos penedos ha pequenas excavações, como para se firmar o pé; noutros ha verdadeiras escadas, escavadas nelles. Num penedo vê-se um sulco de alguns metros de comprido, que dobra em angulo e termina numa covinha, pouco mais ou menos assim:



sulco que o povo chama a *serpente*; tem de largura 0^m,06 em alguns sitios. No mesmo penedo ha várias excavações circulares de 0^m,12×

¹ Em gallego chama-se por vezes *cross* aos castros. No nosso onomastico, a palavra *coroa* apparece pelo menos no Minho e na Beira.

0^m,09. Num penedo vertical ha um buraco atravessado, que não podia ser natural; diametro: 0^m,2.

A *Cova da Moura*, que fica no mesmo monte, é uma lapa, ou «abrigo» debaixo de grandes rochedos de granito, com uma entrada á semelhança de mina de agua. Dizem que tem tres communicações: uma para Longos-Valles (*vide infra*), outra para Côrtes, logar pertencente ao concelho de Monção, e outra para o Castello de Lapella, onde ha uma torre; cabe-se lá de pé, mas o espaço é pequeno e fechado. As tres communicações de que o povo fala são: a entrada, uma abertura em frente d'esta, e uma fresta no tecto.

Ha outros penedos que tem denominações populares: *penedo do altar* (= altar), que a recebem de estar excavado em volta (talvez excavação natural),—o que lhe dá porém mais aspecto de chapim do que de altar; *penedo da-á-gua santa*, muito grande, mas onde nada vi notavel; *penedo das cabeças dos Mouros*, tambem muito grande, e com excavações (não pude lá subir).

No monte não vi vestígios de muralhas que m'o fizessem considerar castro; houve ali, todavia, uma estação antiga, talvez romana. As lendas e denominações apontadas são communs a outras estações congeneres, tanto de Portugal como de fóra: por brevidade omitto notas comparativas; cfr. contudo as minhas *Religiões da Lusitania*, t. 372 sqq.

Perto do Castello dos Milagres, defronte d'elle, fica o *Côto do Crasto*; lá estava, diz-se, a *Maria da saia branca*, «feita de cal e tijolo» (não pude averiguar mais nada).

b) Monte de S. Caetano.

Na mesma carta em que o Sr. Diocleciano Torres me fala do Castello dos Milagres, dá-me tambem as seguintes noticias, que, por serem curiosas, transcrevo:

«Na freguesia de S. João de Longos-Valles, no monte de S. Caetano, existe um plano que póde medir 10:000 a 15:000 metros quadrados, aonde se encontram muitos pedaços de tijolos e uns alicerces de pequenas casas redondas, construidos com pedras pequenas, e parece que em volta houve uma trincheira ou muro arrasado. Mandeí ao local, por duas vezes, um homem d'ali bastante habil, e trouxe-me uma porção de pequenos tijolos que encontrou á superficie, mas sem importancia: nesse local espero fazer umas excavações mais attentas e levantar uma planta que remetterei a V... logo que a possa organizar. Se alguma coisa apparecer que nos chame a attenção, avisarei a V... para lh'a

remetter como deseja. Tenho fê em que o monte de S. Caetano ha de servir para auxiliar a archeologia nacional, pelo menos com a existencia de uma povoação romana no extremo de Portugal».

Aqui, sim, é que, a julgar da informação precedente, teremos um castro,—do typo dos que são frequentes no Minho, com casas circulares.

O Sr. Diocleciano Torres merece todos os louvores pelo interesse que nelle despertam as antiguidades do seu concelho.

J. L. DE V.

Bibliographia

Los pueblos antiguos del Guadalquivir, por G. Bonsor, Madrid 1902, opusculo de 23 pag., extr. da *Revista de Archivos, Bibliotecas, y Museos*.

O Sr. Bonsor dá neste importante opusculo noticia de várias olarias e outras antiguidades das margens de Guadalquivir, da região que fica a baixo de Cordova.

A pag. 23 diz: «Antes de concluir, he de suplicar à mis colegas de las provincias de Huelva y de Badajoz, así como à los arqueólogos portugueses, que emprendan la exploración del Guadiana, pues todo autoriza à suponer que han de encontrar al igual que en el Guadalquivir, numerosos vestigios de alfarerías (olarias)». A este proposito lembrarei que já n-*O Arch. Port.*, IV, 329, se publicou um artigo sobre uma olaria lusitanô-romana situada ao pé d'aquelle rio.

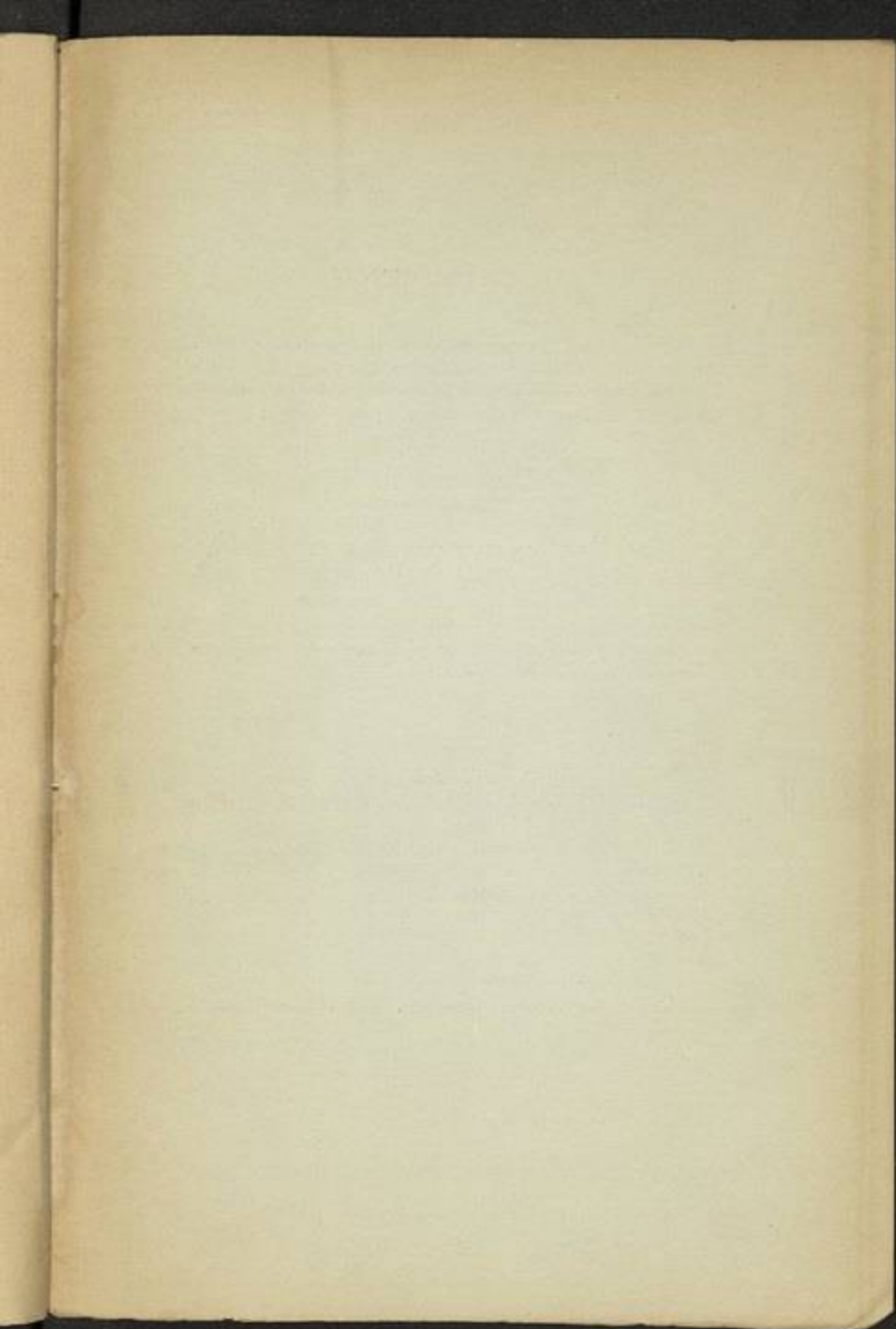
J. L. DE V.

Catalogo de uma collecção de moedas, Lisboa 1902.

A Casa Liquidadora de D. Maria Guilhermina de Jesus, Lisboa, Avenida da Liberdade n.º 93 a 113, acaba de publicar o catalogo de uma importante collecção de moedas portuguesas, continentaes e colonias, de moedas visigoticas, hespanholas, brasileiroas, gregas e de medalhas, contos, pesos e senhas portuguesas, o que tudo será vendido em leilões que hão de começar no dia 18 de Janeiro de 1903.

O catalogo comprehende 71 paginas, em que se mencionam 1:794 exemplares para venda, e 5 estampas com gravuras representativas das moedas e medalhas de maior raridade.

N.



EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	13500 réis.
Semestre	750 "
Numero avulso.....	160 "

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a **J. Leite de Vasconcellos**, para a BIBLIOTHECA NACIONAL de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a **Manoel Joaquim de Campos**, MUSEU ETNOLOGICO, Belem (Lisboa).

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra

